

Manual do Tiro pela Culatra

Táticas Contra a Injustiça

Brian Martin



IRENE PUBLISHING

Manual do Tiro pela Culatra

Táticas Contra a Injustiça

Brian Martin

Irene Publishing - 2012

Primeira edição em 2012

Irene Publishing, Sparsnäs
irene.publishing@gmail.com

ISBN 978-91-978171-4-1 (brochura)



Fonte das ilustrações:
Wikimedia Commons

Índice

1. O modelo do tiro pela culatra	10
2. Análise do tiro pela culatra	16
3. Preparação.....	37
4. Agora e depois	60
5. Perguntas e respostas	69
6. Exercícios.....	74
7. Apêndice: os escudos humanos e a utilização preventiva do método do tiro pela culatra	78

Nota do Autor

Comecei a estudar e promover ações não violentas no final da década de 1970. Meu maior interesse era a concepção de uma sociedade em que métodos não violentos pudessem tornar desnecessários os militares.

Uma das características intrigantes das ações não violentas é que, quando manifestantes pacíficos são brutalmente atacados, mais apoio se dá aos manifestantes. Gene Sharp, pesquisador pioneiro da não violência, chamou isso de “jiu-jitsu político”¹. No esporte do jiu-jitsu, a força e o ímpeto do oponente podem ser voltados contra ele. Da mesma forma, os manifestantes, permanecendo não violentos, podem voltar a força opressora do agressor contra ele mesmo, gerando maior apoio à causa deles. Há incontáveis casos de resistência à injustiça. Aproximadamente no ano 2000, passei a me interessar por situações em que não havia grande resistência. Eu e dois colegas meus, Wendy Varney e Adrian Vickers, analisamos abusos contra os direitos humanos pelas forças militares da Indonésia. Em alguns casos, como a invasão de Timor-Leste, houve bastante resistência. Contudo, em outros, houve surpreendentemente pouca resistência. Em 1965, as forças militares da Indonésia começaram uma campanha maciça de extermínio de comunistas, considerada por muitos estudiosos como genocídio. O número total de vítimas foi de cerca de 800 mil. Houve relativamente pouca resistência na Indonésia; ainda mais surpreendente foi o fato de que houve pouca revolta contra essa injustiça fora do país. Foi um massacre bem recebido por inúmeros governos anticomunistas².

Eu já conhecia o jiu-jitsu político. As vítimas dos assassinatos de 1965-1966 não resistiram com nenhuma violência, o que me fez indagar por quê, em alguns casos, o jiu-jitsu político não funcionou. Eu acreditava que os agressores poderiam estar fazendo algo para atenuar o efeito do jiu-jitsu. Gradualmente, fui criando hipóteses sobre os possíveis métodos empregados pelos perpetradores para atenuar a revolta contra a injustiça. Como a estrutura que desenvolvi possui características significativas inexistentes no jiu-jitsu político de Sharp, batizei o efeito de “tiro pela culatra”.

Na década passada, apliquei o modelo do tiro pela culatra a uma ampla gama de cenários. Ele se aplica prontamente a massacres de manifestantes pacíficos, por exemplo, em Timor-Leste e na África do Sul. Ele também pode ser aplicado a injustiças fora da estrutura normal de ações não violentas, por exemplo, à censura, ao assédio sexual, a espancamentos pela polícia, à tortura e ao genocídio³.

¹ Gene Sharp, *The Politics of Nonviolent Action* (Boston, Porter Sargent, 1973).

² Brian Martin, Wendy Varney, and Adrian Vickers, “Political Jiu-Jitsu against Indonesian Repression: Studying Lower-profile Nonviolent Resistance,” *Pacifica Review*, Vol. 13, 2001, pp. 143–156.

³ Há diversos artigos na página “Backfire materials” em <http://www.bmartin.cc/pubs/back-fire.html>.

Este manual foi concebido para fornecer orientação prática sobre o uso do modelo do tiro pela culatra. Ele se destina àqueles que estão agindo contra injustiças e que desejam refletir com cuidado sobre os passos mais eficazes a dar.

O modelo do tiro pela culatra é apenas um guia para ajudar as pessoas a pensar de forma lógica e tática. Ele não substitui o pensamento. Para que seja eficiente, são necessárias percepções práticas e conhecimento do modo de proceder local. Não há fórmula para o sucesso que funcione em todos os lugares e em todas as ocasiões. O máximo que um modelo pode fazer é fornecer lembretes sobre os aspectos a considerar.

A mensagem mais importante do modelo é refletir sobre as opções e levar em conta o que o outro lado está propenso a fazer. Isso parece bastante óbvio, mas, na prática, é comum os ativistas agirem como sempre agiram e pensarem mais no que desejam alcançar e no que planejam fazer, em vez de no que os oponentes farão.

O Capítulo 1 introduz o modelo do tiro pela culatra. O Capítulo 2 descreve a análise do tiro pela culatra: como descobrir e entender a tática utilizada pelos perpetradores da injustiça para inibir a revolta contra ela. O Capítulo 3 fornece sugestões sobre como se preparar para a ação, considerando o que os oponentes podem fazer. O Capítulo 4 sugere o que fazer enquanto está ocorrendo uma injustiça e após os principais eventos. O Capítulo 5 responde algumas perguntas sobre o modelo.

Dei alguns exemplos, como espancamentos pela polícia, a título de ilustração. Você deve pensar em seus próprios exemplos, de preferência, questões que você conhece bastante, e analisá-las. O modelo do tiro pela culatra é apenas um conjunto de ferramentas de reflexão, não uma receita para planejar ações. É preciso praticar o pensamento estratégico. Então pense sobre alguns de seus próprios exemplos. O que você faria se uma arma nuclear explodisse em uma cidade vizinha? O que você faria se descobrisse uma fraude enorme no governo? O Capítulo 6 apresenta alguns exercícios. Você também pode criar seus próprios exercícios. Há muitas pesquisas sobre o desempenho de especialistas que mostram que, para ser bom em alguma coisa, você precisa passar muito tempo praticando as partes mais difíceis da tarefa⁴. Caso deseje aperfeiçoar-se para ser um ativista eficaz, você precisa passar muito tempo pensando de forma tática e estratégica. O modelo do tiro pela culatra pode ser uma ferramenta para ajudá-lo a fazer isso.

Em minha página da Internet, publiquei vários artigos que utilizam esse modelo. Enviem-me cópias ou *links* que possam expandir o banco de informações sobre ele.⁵ Estou especialmente interessado em descobrir os pontos fracos do modelo e em formas para expandi-lo de forma que ele inclua novos domínios, possivelmente modificando-o. Ao longo

⁴ Entre as descrições das pesquisas sobre desempenho de especialistas, encontram-se a de Geoff Colvin, "Talent is Overrated: What Really Separates World-class Performers from Everybody Else" (Nova York, Penguin, 2010); Daniel Coyle, "The Talent Code. Greatness Isn't Born. It's Grown. Here's How" (New York, Bantam, 2009); David Shenk, "The Genius in All of Us: Why Everything You've Been Told about Genetics, Talent, and IQ Is Wrong" (Nova York, Doubleday, 2010).

⁵ E-mail: bmartin@uow.edu.au

dos anos, desenvolvi e apliquei o modelo, de modo que ele foi sendo alterado gradualmente. Ainda há muito espaço para aperfeiçoamento.

Agradecimentos

Apreendi muito sobre o tiro pela culatra com comentários, referências e práticas inspiradoras de meus colaboradores e inúmeras pessoas. Muita gente deu contribuições valiosas depois de ler o rascunho deste manual: Sharon Callaghan, Karen Kennedy, Majken Sørensen e Steve Wright. Agradeço especialmente a Jørgen Johansen, e apoio entusiástico e pelo apêndice de sua autoria.

1. O modelo do tiro pela culatra

Os ataques, às vezes, saem pela culatra. São contraproducentes para os agressores. Aliás, são tão desastrosos para os agressores que eles desejam nunca ter feito nada.

- Em 1991, a polícia de Los Angeles espancou um motorista chamado Rodney King, que tinha excedido a velocidade permitida ao fugir da polícia para não ser preso. Após verem o espancamento pela televisão, os espectadores ficaram revoltados, e o apoio do público à polícia diminuiu. O espancamento foi um tiro que saiu pela culatra para a polícia.
- Na década de 1990, o McDonald's processou dois anarquistas, Helen Steel e Dave Morris, por causa terem publicado um panfleto intitulado "O que há de errado com o McDonald's?". A ação judicial foi encarada pelo público como uma injusta e levou a uma enorme campanha de apoio a Steel e Morris. Foi um desastre de relações-públicas para o McDonald's. Processar Steel e Morris foi um tiro no pé para o McDonald's.
- Em 2004, a imprensa fez uma reportagem sobre a tortura de prisioneiros iraquianos na prisão de Abu Ghraib. As imagens fortes mostravam guardas da prisão dos Estados Unidos sorrindo ao humilhar e torturar os prisioneiros. A publicação das fotografias manchou gravemente a reputação do governo dos Estados Unidos, sobretudo no Oriente Médio. A tortura saiu pela culatra para os militares dos Estados Unidos.
- Em 1991, milhares de pessoas participaram de um cortejo fúnebre em Dili, Timor-Leste, aproveitando a ocasião para protestar pacificamente contra a ocupação da Indonésia. Quando o cortejo entrou no cemitério de Santa Cruz, as tropas indonésias subitamente abriram fogo, matando centenas de pessoas. Jornalistas ocidentais estavam presentes e registraram o massacre. Seus testemunhos e comprovação por vídeos deflagraram um vertiginoso aumento do apoio internacional ao movimento de libertação de Timor-Leste, e abriram caminho para a independência desta nação, uma década depois. O massacre de manifestantes pacíficos foi um tiro no pé do governo indonésio.

Cada um desses casos envolve uma injustiça: brutalidade policial, censura, tortura, massacre. Em cada caso, aqueles que efetuaram o ataque (a polícia, o McDonald's, os guardas da prisão dos Estados Unidos, as tropas indonésias) causaram danos a seus alvos. Contudo, em todos os casos, o ataque acabou saindo pela culatra, causando um dano muito maior ao agressor e a seus aliados.

Os tiros pela culatra podem ser imensamente valiosos para aqueles que lutam contra a injustiça. O problema é que a maioria dos ataques não sai pela culatra. A maioria dos espancamentos pela polícia recebe pouca ou nenhuma publicidade. Mal se toma conhecimento da maioria das ações judiciais por difamação. A maior parte das torturas é feita em segredo. Até massacres, que são mais difíceis de esconder, podem gerar comparativamente pouca preocupação.

O que está acontecendo? Por que alguns ataques saem pela culatra e outros não?



O massacre de Santa Cruz ocorreu durante um cortejo fúnebre em 1991 até o túmulo de Sebastião Gomes.



Em 1960, houve protestos em toda África do Sul contra as leis de passes racistas. Em Sharpeville, a polícia abriu fogo contra manifestantes pacíficos, matando talvez uma centena de pessoas. A polícia e o governo tentaram reduzir a revolta contra a injustiça, mas ainda assim o massacre manchou gravemente a reputação internacional do governo da África do Sul.

O modelo do tiro pela culatra é uma forma de analisar ataques. Ele destaca as medidas que cada lado tomou para reduzir ou aumentar a revolta contra a injustiça percebida.

O modelo não se destina a dizer às pessoas o que fazer. Os ativistas conhecem bastante a situação local e estão em uma posição melhor para avaliar as opções. O modelo é uma ferramenta geral que indica que tipo de coisas estão propensas a ocorrer ou poderiam ocorrer. Ele pode ajudar os ativistas a escolherem a forma mais sensata de agir.

O modelo do tiro pela culatra, como qualquer modelo, é uma ferramenta. Ele não garante o sucesso. Imagine um exército que tem a melhor estratégia possível. Ela é útil, porém, se o exército tiver poucos soldados, estiver mal treinado ou tiver armas obsoletas, é improvável que tenha sucesso, mesmo com uma estratégia brilhante. Da mesma forma, o modelo do tiro pela culatra pode ajudar os ativistas a desenvolverem estratégias melhores, mas isso não é garantia de sucesso. É apenas um elemento em um processo muito mais amplo.

Os princípios básicos da tática do tiro pela culatra

Quando um grupo poderoso faz algo injusto, ele pode tomar as seguintes medidas para reduzir a revolta da população contra a injustiça:

- Encobrir a ação;
- Depreciar o alvo;

- Reinterpretar o que aconteceu, mentindo sobre os fatos, minimizando-os, culpando as vítimas e enquadrando a situação;
- Usar canais oficiais para dar uma impressão de justiça;
- Intimidar ou recompensar as pessoas envolvidas.

A tortura é universalmente condenada. Portanto, quando governos a utilizam, tendem a empregar uma ou mais das técnicas acima para reduzir a revolta contra a injustiça.

Encobrimento da ação

Os governos geralmente torturam prisioneiros em segredo. Às vezes, os torturadores empregam métodos como o espancamento na sola dos pés, que deixam menos evidências.

Quando se ocultam as ações, quem não está envolvido nelas não fica sabendo que elas ocorreram, e, assim, não se preocupa com isso.



Tortura de um prisioneiro em Abu Ghraib.

Depreciação do alvo

Os governos alegam que os prisioneiros sujeitos a interrogatórios são terroristas, criminosos, subversivos ou outros tipos indesejáveis. Quando aqueles que são torturados são tidos como perigosos, desprezíveis ou classificados como gente de outra e condição considerada inferior, então as punições sofridas não parecem tão ruins.

O que aconteceu é reinterpretado através de mentiras, minimização, culpa e enquadramento.

Quando pessoas de fora alegam que está ocorrendo tortura, os governos negam. Divulgam mentiras, afirmando que os prisioneiros estão sendo bem tratados.

Quando se sabe que são empregados certos métodos, tais como privação de sono, afogamento simulado ou privação sensorial, os governos afirmam que esses métodos não são tão maléficos quanto parecem, porque ninguém fica gravemente ferido. Afirma-se que as consequências não são tão prejudiciais assim. Elas são minimizadas. Métodos de tortura são chamados de abuso, humilhação ou algo menor, tudo, menos “tortura”. Minimiza-se a gravidade da tortura através da linguagem.

Às vezes, os governos jogam a culpa pela tortura em guardas ruins que agem sem autorização. Os guardas passam por culpados para que os oficiais superiores possam evitar a responsabilidade.

Os governos afirmam que estão empregando técnicas legítimas de interrogatório para extrair informações para propósitos urgentes. Esse é o ponto de vista deles. É um enquadramento ou uma forma de ver o mundo. O enquadramento é a apresentação das coisas a partir de um certo ponto de vista.

Uso de canais oficiais para dar uma impressão de justiça

Ocasionalmente, as alegações de tortura se tornam tão insistentes que os governos abrem um inquérito oficial ou chegam a processar alguns dos envolvidos. Os inquéritos e tribunais de justiça geralmente se concentram em servidores públicos de cargos inferiores, não em legisladores, e podem aplicar apenas penas leves. Pode parecer que está sendo feita justiça, mas é um ato simbólico.

Os canais oficiais incluem ouvidorias, tribunais, comissões de inquérito, equipes de especialistas, procedimentos de reclamações e qualquer outro processo formal para resolver os problemas. Os canais oficiais geralmente surtem o efeito de reduzir a revolta da população porque as pessoas acham que os problemas estão realmente sendo resolvidos. Os canais oficiais são vagarosos, o que faz com que a revolta das pessoas esmoreça com o passar do tempo. Eles empregam procedimentos complexos e contam com especialistas, como advogados, para que as pessoas de fora tenham pouca capacidade de participar ou interesse em fazer isso.

Intimidação ou recompensa das pessoas envolvidas

A tortura, por si só, é uma forma de intimidação. As pessoas que são torturadas podem ter medo de falar por causa do risco de sofrerem mais torturas. Em países com governos repressores, protestar contra a tortura pode ser perigoso para outras pessoas (familiares, amigos, jornalistas, grupos de direitos humanos), porque eles podem se tornar alvos dela. Por outro lado, os oficiais que fazem a vontade do governo podem receber recompensas, como pagamentos ou promoções.

A intimidação desestimula a manifestação da revolta. As pessoas temem as consequências. A possibilidade de recompensas estimula as pessoas a ficarem caladas ou participar da tortura.

Cinco métodos para reduzir a revolta contra a injustiça, e como eles se relacionam com um evento, as percepções desse evento e as reações a ele



Original em inglês	Tradução para o português
Event	Evento
Perception of injustice	Percepção de injustiça
Target – attacked – unjustly	Alvo – atacado - injustamente
Reaction	Reação
Cover-up	Encobrimento
Devaluation	Depreciação
Reinterpretation	Reinterpretação
Official channels	Canais oficiais
Intimidation/rewards	Intimidação/recompensas

O que pode ser feito diante desses cinco métodos que reduzem a revolta contra a injustiça? A resposta é: combater cada um deles. Seguem algumas formas para fazer isso.

- Denunciar a ação.
- Validar o alvo: mostrar os aspectos positivos de quem ou do que for atacado.
- Interpretar os eventos como injustos.
- Mobilizar o apoio. Evitar ou desacreditar canais oficiais.
- Resistir à intimidação e às recompensas.

Denunciar a ação

Aqueles que se opõem à tortura podem documentá-la e revelar informações ao mundo. Essa é uma importante ferramenta da Anistia Internacional. As denúncias destroem o encobrimento. Fotografias são especialmente poderosas.

Validar o alvo: mostrar os aspectos positivos de quem for atacado.

É preciso mostrar que as pessoas que são torturadas são seres humanos. Fotografias e informações pessoais ajudam a fazer os alvos parecerem com outras pessoas e combatem conceitos ou rótulos degradantes.

Interpretar os eventos como injustos.

Podem ser fornecidas informações sobre o que está realmente acontecendo (para refutar mentiras), sobre os efeitos danosos da tortura (para refutar a minimização) sobre quem realmente é responsável (para refutar a atribuição de culpa) e sobre os danos causados pela tortura, bem como sua pouca eficácia como método de obter informações (para refutar o enquadramento).

Mobilizar o apoio. Evitar ou desacreditar canais oficiais.

Mobilizar o apoio significa fazer mais pessoas verem as coisas como você, juntarem-se às suas campanhas e protestarem contra a tortura. Essa é uma forma importante de utilização

da indignação para desafiar a injustiça. Como os canais oficiais geralmente amenizam a indignação, é melhor evitá-los, ou pelo menos não confiar neles.



Após o acidente na usina nuclear de Chernobyl em 1986, o governo soviético utilizou várias técnicas para reduzir a indignação contra a injustiça, mas isso não surtiu praticamente nenhum efeito.

Resistir à intimidação e às recompensas.

Algumas pessoas precisam enfrentar a intimidação, por exemplo, manifestando-se sobre a tortura. Também é útil documentar e expor a intimidação: isso pode gerar maior indignação e contribuir para o efeito do tiro pela culatra. Da mesma forma, algumas pessoas precisam resistir à tentação de receber uma recompensa.

Usar estes cinco tipos de métodos aumenta a probabilidade de que os ataques sairão pela culatra. No entanto, o resultado da luta depende de uma ampla gama de fatores.

O modelo do tiro pela culatra serve para orientar participantes do movimento sobre as prováveis táticas empregadas pelos poderosos perpetradores de injustiça para reduzir a indignação contra ela e alguns tipos de contratáticas que podem acentuar a indignação contra a injustiça. Ele descreve táticas e contratáticas, mas o que acontece de verdade depende das circunstâncias, das pessoas envolvidas e das decisões tomadas.

O que não está incluído no modelo

- Escolha de métodos. Deve-se fazer mais esforço para denunciar injustiças ou combater a depreciação, ou para outra coisa? As decisões sobre o método a utilizar precisam ser tomadas pelos envolvidos com base nas circunstâncias.
- Ocasão. Quando é a melhor hora para se denunciar uma injustiça? Provavelmente não é quando a imprensa está concentrada em divulgar algum desastre natural ou em contar novidades sobre alguma celebridade, nem quando o movimento ainda não está pronto para tirar vantagem da indignação contra a injustiça. Escolher o momento oportuno é de suma importância.
- Conhecimento local. As pessoas que estão profundamente envolvidas com uma questão sabem bastante sobre a história, dinâmica social, argumentos, personalidades e muito mais. O modelo fornece uma mera estrutura geral; o

conhecimento das circunstâncias locais é fundamental para se avaliar o que se deve fazer e quando agir.

- Cultura e valores. O que as pessoas consideram justo ou injusto depende de sua cultura e valores preponderantes. O modelo se baseia nas circunstâncias atuais, no conjunto atual de convicções e comportamentos. Se as convicções das pessoas sobre a injustiça mudarem, um processo por vezes influenciado por campanhas, então a base para a indignação mudará.
- Mudança de longo prazo. O modelo lida com reações a ações. Ele não aborda como efetuar mudanças a longo prazo.

Como o modelo pode ajudar

- Muitos ativistas pensam principalmente no que farão, como organizar uma reunião ou começar uma campanha. O modelo do tiro pela culatra chama atenção para o que os oponentes farão, especificamente, para as táticas que os oponentes poderosos empregarão para reduzir a indignação contra a injustiça.
- Alguns ativistas acreditam que os canais oficiais oferecem uma solução. Por exemplo, às vezes, eles fazem campanha para obrigar o governo a abrir um inquérito. O modelo indica deficiências dos canais oficiais, sobretudo a forma como eles amenizam a indignação.
- Os ativistas geralmente acreditam que a injustiça cria automaticamente a indignação. Por exemplo, se a polícia espancar manifestantes ou se o governo infringir a lei, os ativistas acham que todos verão como isso é injusto. O modelo mostra que os perpetradores poderosos podem empregar uma ampla gama de técnicas para reduzir a indignação.

2. Análise do tiro pela culatra

Algo ruim aconteceu, como assédio sexual, demissão injusta, desastre ambiental ou uma chacina. A análise do tiro pela culatra é uma forma de refletir sobre os conflitos ligados à forma como as pessoas reagem ao evento.

As pessoas normalmente reagem a coisas ruins ficando preocupadas, bravas, indignadas, aborrecidas ou indignadas contra a injustiça¹. Empregarei principalmente a palavra “indignação”, porém as outras descrições podem ser tão pertinentes quanto essa palavra.

Na análise do tiro pela culatra, o enfoque está nas táticas. As táticas são ações; atos que as pessoas praticam. Na análise do tiro pela culatra, não é tão importante explicar a razão dos acontecimentos.

¹ Às vezes, as reações das pessoas são mais próximas da apatia ou do desespero, o que não ajuda na hora de combater o que é ruim.

Ao analisar as táticas, o enfoque está em como se acentua ou atenua a indignação. Por que fazer uma análise do tiro pela culatra? Afinal de contas, o evento já aconteceu, e não há nada que se possa fazer a respeito dele. Primeiramente, uma análise permite examinar as táticas empregadas pelos perpetradores, para aprender como eles atuam e ficar, assim, mais bem preparado para a próxima vez. Em segundo lugar, uma análise do tiro pela culatra pode ser usada para conscientizar as pessoas sobre a forma pela qual surgem conflitos motivados pela indignação, pois pode ajudar a compreendê-los melhor. Em terceiro lugar, a análise do tiro pela culatra pode mudar a forma pela qual as pessoas reagem diante de problemas. Pode deixá-las bravas ou aumentar sua determinação. Ao tomar conhecimento das técnicas empregadas pelos perpetradores poderosos, sobretudo a intimidação, o encobrimento e a depreciação, elas podem passar a sentir mais compaixão pelos alvos dos ataques.

Neste capítulo, discorro sobre como fazer uma análise do tiro pela culatra. O primeiro tópico é coletar informações: forneço três exemplos de como fazer isso. A seguir, analiso a classificação das táticas nas categorias de encobrimento, depreciação, reinterpretação, canais oficiais e intimidação/recompensas. Por fim, abordo formas de escrever um artigo sobre o tiro pela culatra.

Coleta de informações

Para fazer uma análise do tiro pela culatra, são necessárias muitas informações, que podem vir de livros, artigos, *blogs*, entrevistas e observações pessoais. Digamos que você queira analisar as táticas empregadas em uma grande manifestação em que a polícia agrediu e prendeu manifestantes. Você pode obter reportagens, *blogs*, fotografias e materiais de entrevistas, tudo que forneça informações. Se a manifestação tiver ocorrido em 1915, você terá de confiar totalmente em documentos de arquivo, uma vez que nenhum dos participantes ainda está vivo. No entanto, talvez existam filhos ou netos deles, ou outras pessoas que tenham ouvido relatos do evento.

Se a manifestação ocorreu recentemente, é possível conversar com quem estava lá. É um trabalho e tanto. Você pode ter que entrar em contato com centenas ou até milhares de pessoas. Da mesma forma, se a manifestação chegou às manchetes dos jornais, pode haver centenas de reportagens a respeito. Não é preciso obter todas as informações possíveis, apenas o suficiente. Mais tarde, voltarei a analisar a essa questão.

Se possível, você deve obter informações de ambos os lados: dos manifestantes e da polícia. Então procure informes policiais fornecidos à imprensa, reportagens que citem a polícia, boletins policiais, e verifique se há possibilidade de entrevistar policiais. Obter informações de diferentes perspectivas permite entender bem melhor as táticas empregadas. Além disso, por utilizar várias fontes diferentes, sua análise terá maior credibilidade.

Às vezes, há inúmeros lados. Talvez políticos ou comentaristas de imprensa tenham óticas diferentes dos manifestantes ou da polícia. Seguem três exemplos de como reunir informações para uma certa análise do tiro pela culatra.

Primeiro exemplo: Rodney King

Em 03 de março de 1991, a polícia de Los Angeles prendeu um homem chamado Rodney King, que fugiu quando começou a ser perseguido por estar dirigindo embriagado. Durante o processo da prisão, a polícia utilizou *tasers* contra King e bateu nele com cassetetes metálicos dezenas de vezes. O espancamento foi gravado em vídeo por uma testemunha que assistiu à cena de um apartamento próximo. Esse vídeo foi, mais tarde, exibido na televisão, levando a uma imensa repercussão contra a polícia.



Imagem do vídeo do espancamento de Rodney King

Decidi investigar o espancamento de King como um exemplo de tiro pela culatra. Como este caso teve muita repercussão, supus que haveria amplo material mostrando tanto as técnicas usadas para reduzir, quanto as para promover a indignação; e acertei na mosca. Consegui cerca de dez livros sobre o espancamento, alguns defendendo o ponto de vista da polícia, alguns defendendo King, e alguns que não defendiam nenhuma das duas posições. Houve também algumas boas reportagens. Li os livros, tomando notas sempre que me deparava com casos de métodos para influenciar a indignação. Por exemplo, li sobre o “código de silêncio da polícia”, uma norma tácita segundo a qual os policiais nunca denunciam abusos cometidos por seus colegas. Descobri que 20 policiais estavam presentes durante a prisão, mas nenhum comunicou nenhum problema, o que se enquadrava na categoria de encobrimento. O código de silêncio da polícia obrigou os vinte policiais a guardarem segredo sobre o que tinham visto, ainda que tivessem considerado o espancamento severo demais.

Como havia uma profusão de material impresso, decidi não ir atrás de entrevistas. Afinal de contas, jornalistas e investigadores já tinham entrevistado todas as pessoas-chave, algumas vezes com grande profundidade, de forma que eu poderia confiar em suas versões. Às vezes, havia pequenas discrepâncias entre o que as diferentes fontes afirmavam; então, eu tinha de decidir o que relatar sobre essas questões, ou se iria mencioná-las².

Segundo exemplo: a demissão de Ted Steele

Em 2001, Ted Steele, professor associado de Biologia do quadro permanente, foi demitido da Universidade de Wollongong, onde trabalhou. Steele tinha feito declarações à imprensa sobre as “notas fáceis”, ou seja, dar a alguns alunos notas mais altas do que mereciam. O vice-

² Brian Martin, “The beating of Rodney King: the dynamics of backfire,” *Critical Criminology*, Vol. 13, No. 3, 2005, pp. 307—326.

reitor, sem aviso, demitiu Steele, o que recebeu enorme atenção da imprensa, fazendo com que Steele fosse defendido com base no direito à livre expressão. A demissão gerou muita publicidade negativa para a universidade durante muito tempo. Foi um tiro pela culatra.

Normalmente prefiro não analisar casos em nenhuma organização em que eu tenha participação pessoal. É melhor que alguém de fora faça isso, porque será possível abordar as questões de forma mais equilibrada e ter mais credibilidade por ser independente. No entanto, apesar da extensa cobertura sobre a demissão e posterior processo judicial, ninguém fez uma análise profunda do caso. Por isso decidi escrever um artigo sobre ele, em parte para defender o Departamento de Ciências Biológicas, que acabou envolvido no fogo cruzado entre as alegações de Steele e a comoção sobre sua demissão.

Decidi não entrevistar ninguém, por haver grande quantidade de material publicado sobre os eventos. Como acadêmico da universidade, tenho uma vantagem: acesso a e-mails de anos atrás, de Steele e outros, especificamente sobre os protestos de Steele junto à administração da universidade. Além disso, participei de uma reunião fundamental da filial local do National Tertiary Education Union [Sindicato Nacional de Ensino Superior] sobre assuntos acadêmicos, na Austrália, na qual a questão do apoio a Steele foi abordada (muitos dos colegas de Steele de Ciências Biológicas não queriam apoiá-lo). Após a publicação de uma carta minha sobre a demissão em um jornal, mais pessoas vieram conversar comigo sobre o caso, e assim reuni informações fornecidas por algumas delas. Sempre verifiquei as alegações, falando com mais de uma pessoa.

Após escrever um rascunho do meu artigo, enviei-o a todos os principais interessados, incluindo Steele, o vice-reitor, membros do Departamento de Ciências Biológicas e representantes do sindicato. Apenas alguns deles responderam; suas contribuições me permitiram modificar alguns pontos. Como o caso era atual, eu precisaria ter muito cuidado com o que afirmasse.³



Terceiro exemplo: A Flotilha da Liberdade de Gaza, 2010

³ Brian Martin, "Boomerangs of academic freedom," *Workplace: A Journal for Academic Labor*, Vol. 6, No. 2, junho de 2005, <http://www.bmartin.cc/pubs/05workplace.html>.

Em maio de 2010, uma flotilha de seis barcos partiu para entregar suprimentos humanitários a Gaza, desafiando o bloqueio do governo israelense. Soldados das tropas de elite israelenses atacaram a flotilha, matando nove passageiros e detendo o restante. Muitos ficaram feridos, inclusive alguns integrantes da tropa de elite. O ataque à flotilha teve grande cobertura da imprensa no mundo todo e foi um imenso desastre em matéria relações públicas para o governo israelense.

A maior parte dos comentários era a respeito do que aconteceu e se era possível justificar o ataque. Decidi escrever uma breve análise do tiro pela culatra para destacar as táticas empregadas pelo governo israelense para reduzir a indignação. Houve muita cobertura detalhada por parte da imprensa, com que pude contar, além dos materiais *on-line* produzidos pelos integrantes da flotilha. Não tentei ler tudo, pois isso demoraria demais, e eu queria finalizar dentro de algumas semanas, não de alguns meses. Sem dúvida, minha análise poderia ter sido melhor se eu tivesse obtido mais informações das fontes israelenses e dos participantes da flotilha. Contudo havia informações mais do que suficientes para meu propósito: uma análise breve e sucinta⁴.

As informações e sua qualidade

Para fazer uma análise do tiro pela culatra, são necessárias informações sobre o que ocorreu, o que nem sempre é fácil. Em casos de grande repercussão, como o espancamento de Rodney King ou o ataque à flotilha, há uma profusão de informações públicas. Em outros casos (a prisão de um ativista local, por exemplo) pode não haver tantas informações, a menos que você converse com os envolvidos. E talvez a polícia não queira conversar com você, nem lhe fornecer nenhuma informação.

Ainda que você obtenha algumas informações, é preciso avaliar sua qualidade. As pessoas vão mentir para você, ocultar informações cruciais e, às vezes, tentar desencorajá-lo, recomendando que não comente o assunto, por exemplo, com ameaças de processá-lo por difamação. Eles podem elaborar histórias complexas para confundir e distorcer as questões. Portanto, quando estiver colhendo informações, você precisará tomar as precauções que um jornalista investigativo ou pesquisador costuma tomar: avaliar a qualidade dos indícios e a credibilidade da fonte, além de obter informações de diversas fontes independentes. Ao começar a formar uma história, pode ser útil investigar mais algumas questões, sobretudo as que envolvem encobrimento e intimidação, onde é bem provável haver farsa e distorção.

Tomar partido

Você precisa estar preparado para encontrar pontos de vista incrivelmente categóricos, expressados de maneira intensa e, às vezes, conflitantes com algumas questões básicas. Por exemplo, o genocídio de 1994 em Ruanda costuma ser apresentado como uma chacina dos tútsis por hutus. No entanto muitos hutus “moderados” também foram mortos, pois os assassinatos não ocorreram apenas devido a conflitos étnicos. Os políticos também estavam

⁴ Brian Martin, “Flotilla tactics: how an Israeli attack backfired,” *Truthout*, 27 de julho de 2010.

envolvidos. Para complicar ainda mais o cenário, a Frente Patriótica de Ruanda, liderada pelos tútsis (RPF), também teria cometido assassinatos. Alguns partidários da RPF refutam qualquer sugestão de que os tútsis tenham cometido assassinatos.



Cortes profundos feitos pelos assassinos podem ser vistos nos crânios que enchem uma sala na escola de Murambi.

Esses tipos de divergência implicam que a análise do tiro pela culatra não pode ser neutra. É possível colocar o enfoque nos métodos empregados pelo governo de Ruanda durante o genocídio para reduzir indignação,⁵ ou analisar as formas empregadas pela RPF para reduzir a indignação pelas atrocidades cometidas por seus membros. Você pode, ainda, fazer as duas coisas. Mesmo que decida fazer ambas as análises, pode acabar com uma análise desequilibrada, pelo fato de mais informações estarem disponíveis sobre os atos de um lado do que do outro, ou porque as atrocidades de um lado são significativamente piores do que as do outro.



Massacre de My Lai, em 1968, durante a guerra da Indochina, em que soldados dos Estados Unidos mataram centenas de civis vietnamitas na vila de My Lai. Encoberto por um ano, o massacre acabou gerando uma enorme reação adversa da população contra o governo dos Estados Unidos e sua política de guerra.

Os ataques de 11 de setembro podem ser analisados como um processo de tiro pela culatra. Os terroristas da Al-Qaeda fizeram muito pouco para desencorajar a indignação. Seu ataque foi explícito: houve pouco encobrimento da ação, embora tenha havido certo encobrimento da sua responsabilidade pelo ataque. A Al-Qaeda teve pouca capacidade para depreciar as vítimas e quase nenhuma perspectiva de uso de canais oficiais. Após o 11 de setembro, a Al-Qaeda teve pouca capacidade para promover maior intimidação. Por outro lado, o bombardeio do Afeganistão, uma ação em represália ao ataque de 11 de setembro,

⁵Foi isso que fiz em “Managing outrage over genocide: case study Rwanda,” *Global Change, Peace & Security*, Vol. 21, No. 3, 2009, pp. 275—290.

iniciada em outubro de 2001, seis semanas após ele ter ocorrido, matou milhares de civis, mas mal gerou indignação no ocidente, se comparado ao 11 de setembro⁶. Ao fazermos uma análise do tiro pela culatra, fazemos uma escolha: analisar o 11 de setembro, o bombardeio do Afeganistão ou outra questão diferente.

Métodos de classificação

Os cinco métodos (encobrimento, depreciação, reinterpretação, canais oficiais e intimidação/recompensas) constituem uma forma conveniente de classificar maneiras possíveis de reduzir a indignação. Não há nada sagrado nesses cinco métodos; eles às vezes se sobrepõem, e podem ser subdivididos em submétodos. No entanto, pode ser útil refletir sobre as diferenças entre eles.

O *encobrimento* é tudo o que impede as pessoas de tomarem conhecimento de que algo está acontecendo. Também pode ser chamado de ocultação ou disfarce.



Pelo menos 10 civis afegãos, incluindo oito estudantes, foram mortos em combates envolvendo as tropas ocidentais no distrito de Nagang, na província de Kunar, no Afeganistão, em 27 de dezembro de 2009.

O encobrimento é, normalmente, a forma mais eficaz de impedir a indignação. Se ninguém ficar sabendo que ocorreu um assassinato, ninguém vai se indignar. Para muitos abusos, o encobrimento é o método inicial empregado, e pode ser tão eficaz que os demais métodos são desnecessários. Contudo, se o encobrimento não funcionar, os agressores poderão recorrer a outras técnicas.

O encobrimento tem relação com o público. Por exemplo, os jornalistas podem ter conhecimento da corrupção política, porém, se os meios de comunicação de massa não fizerem uma reportagem a respeito, a corrupção ficará encoberta para o público em geral.

Censura não é exatamente o mesmo que encobrimento: a censura é o impedimento ativo do acesso à informação ou outro elemento, geralmente através de alguma lei ou política

⁶ Brendan Riddick, "The bombing of Afghanistan: the convergence of media and political power to reduce outrage," *Revista de Paz y Conflictos*, No. 5, 2012, pp. 6-19.

(embora, às vezes, a censura seja secreta, ou seja, a existência da censura é encoberta). O encobrimento pode ocorrer por meios diferentes da censura.

Por exemplo, muitos espancamentos policiais são ignorados pela polícia⁷. Os policiais envolvidos não contam a ninguém exceto, talvez, a outros policiais, que mantêm sigilo. As vítimas dos espancamentos podem não contar a ninguém por vergonha, ou porque temem mais agressões ou assédio por parte da polícia (essa é a tática da intimidação). Quando jornalistas ouvem falar sobre os espancamentos, eles podem não os noticiar porque aceitam o ponto de vista da polícia (essa é a tática de reinterpretação de enquadramento). Não há censura oficial dos espancamentos perpetrados pela polícia; porém, restringem-se as informações sobre eles. Esse é um tipo de encobrimento de fato; ele ocorre por meio de um conjunto de processos.

A *depreciação* é a diminuição da condição ou opinião de uma pessoa, grupo ou objeto. Preconceitos, como racismo ou machismo, são formas de depreciação e, às vezes, estão profundamente enraizados em uma cultura. Depreciar também pode ser um processo ativo, por exemplo, rotular alguém como depravado, criminoso ou terrorista. Outra forma de depreciar alguém é espalhar informações prejudiciais, por exemplo, sobre sua filiação a uma organização impopular.

A função da depreciação é fazer o alvo parecer indigno, de forma que o ataque sofrido por ele, seja lá qual for, não pareça tão ruim. Algumas pessoas toleram espancamentos ou a prisão de um terrorista, de forma que pode ser eficiente afirmar que os oponentes são terroristas, ainda que eles sejam mais bem descritos como ativistas ambientais ou manifestantes.

A depreciação é amplamente empregada, ainda que um tiro pela culatra não seja provável. Os desempregados são chamados de preguiçosos e mulheres estupradas são chamadas de vagabundas. Esses são exemplos da tática de culpar a vítima⁸. Os manifestantes são chamados de ralé, insatisfeitos, criminosos ou terroristas, ou alega-se que estão sendo pagos para participar do movimento.

⁷ Regina G. Lawrence, *The Politics of Force: Media and the Construction of Police Brutality* (Berkeley, University of California Press, 2000); Charles J. Ogletree, Jr., Mary Prosser, Abbe Smith e William Talley, Jr.; Criminal Justice Institute at Harvard Law School for the National Association for the Advancement of Colored People (Instituto de Justiça Criminal da Faculdade de Medicina de Harvard para a Associação de Desenvolvimento dos Negros), *Beyond the Rodney King Story: An Investigation of Police Misconduct in Minority Communities* (Boston, Northeastern University Press, 1995).

⁸ A tática de pôr a culpa na vítima é bastante antiga. A abordagem clássica é apresentada em William Ryan, *Blaming the Victim* (New York, Vintage, 1972).



Uma das fotografias de Abu Ghraib

Reinterpretação é a descrição de uma injustiça de uma maneira diferente, de forma que não pareça tão ruim ou talvez nem sequer uma injustiça. Há inúmeras maneiras de fazer isso, portanto é conveniente utilizar várias classificações: mentira, minimização, culpabilização e enquadramento.

Mentira é uma forma direta de enganar as pessoas. Uma mentira famosa foi a alegação, antes da invasão do Iraque, em 2003, de que havia provas concretas de que Saddam Hussein tinha armas nucleares e vínculos com a Al-Qaeda.

É comum haver uma ligação estreita entre as mentiras e o encobrimento. Quando algo nunca é sequer mencionado, pode fazer parte de um encobrimento. As mentiras do governo dos Estados Unidos sobre Saddam Hussein envolveram o encobrimento de algumas informações, tais como relatórios de inteligência. As mentiras serviram como reinterpretação, porque muitos eram contrários à invasão e estavam contestando as justificativas do governo dos Estados Unidos.

Estritamente falando, uma pessoa só mente se tiver plena consciência de que está enganando os outros. Há dois tipos principais de mentiras: uma é não revelar a verdade, sendo chamada, às vezes, de mentira por omissão; a outra é dizer uma falsidade. Quando alguém está convencido de que o que está dizendo é verdade, não está contando uma mentira, ainda que todos os outros acreditem que a pessoa está errada. Quando o presidente George W. Bush sugeriu que Saddam Hussein tinha armas nucleares e vínculos com a Al-Qaeda, ele realmente acreditava no que estava dizendo? É difícil ter certeza. No entanto, quando se classificam táticas, as falsidades como essas se enquadram na categoria de reinterpretação.

Minimização é a afirmação de que as coisas não são tão ruins quanto se pode pensar. Por exemplo, após o massacre em Díli, em que centenas de pessoas foram mortas, funcionários do governo da Indonésia afirmaram que 19 pessoas tinham morrido. Mais tarde, aumentaram o número para 50. O número real, segundo uma investigação independente, foi 271.

Às vezes, a minimização é um tipo de mentira, que distorce a verdade em uma direção desejada pelo agressor. Assim como mentir, minimizar é diferente de encobrir. O governo da Indonésia tentou, a princípio, impedir que quaisquer informações sobre o massacre em Díli chegassem ao exterior; ou seja, tentou encobrir o ato. Sua declaração sobre as 19 mortes chegou só um dia depois que se afirmou que o massacre havia ocorrido e, por isso, enquadrar-se melhor na categoria de reinterpretação.

Outro tipo de minimização consiste em atenuar as descrições de técnicas de tortura, afirmando que não são tão ruins. Os comentaristas podem afirmar que a privação do sono não é realmente tão prejudicial, nem tão nociva assim.

Culpabilização é afirmar que outra pessoa praticou um ato ou deve ser responsabilizada. É comum os agressores tentarem culpar as vítimas. Quando a polícia bate em manifestantes, pode alegar que os manifestantes a atacaram. Essa tática se sobrepõe à tática da depreciação.

Uma forma diferente de culpar os outros ocorre quando muitas pessoas se indignam contra uma injustiça. Algumas delas, ao serem responsabilizadas, podem tentar culpar outros envolvidos. Após o espancamento de Rodney King ser noticiado na televisão, em 1991, o chefe de polícia de Los Angeles, Daryl Gates, culpou o policial que efetuou a prisão. Alguns desses policiais, por sua vez, culpavam Gates.

Geralmente, é mais fácil que figuras poderosas culpem funcionários subordinados. Após a denúncia da tortura de prisioneiros em Abu Ghraib, no Iraque, em 2004, o governo dos Estados Unidos culpou os oficiais da prisão envolvidos. Nenhum oficial de alto escalão dos Estados Unidos foi acusado de crimes, ainda que se possa argumentar que eles foram os responsáveis pelas políticas que permitiam ou encorajavam a tortura.

Enquadramento é uma visão de mundo. Imagine que você está do lado de fora de uma casa, olhando para dentro dela por uma janelinha. Sua visão depende da janela. A sua visão é delimitada pelo enquadramento da janela. Outra pessoa que olhar para dentro da mesma casa por uma janela diferente tem uma impressão diferente porque está olhando de uma direção diferente, para um cômodo diferente, e talvez sua janela tenha vidro colorido ou com relevos, distorcendo a visão.

Os conflitos de enquadramento ocorrem quando pessoas diferentes observam o mesmo objeto (como a casa) de diferentes perspectivas. As pessoas afirmam que o seu enquadramento é o correto.

Tomemos como exemplo uma marcha de protesto. Os manifestantes consideram que estão manifestando seus pontos de vista e exercendo a livre expressão. Os líderes do governo, por outro lado, consideram os manifestantes como uma ameaça perigosa à ordem social e ao papel legítimo do governo como legislador. Os manifestantes empregam um enquadramento de participação e livre expressão, ao passo que o governo utiliza um enquadramento de ordem e controle social.

Quando a polícia ataca um manifestante, os manifestantes encaram o ataque como brutalidade policial. A polícia vê isso de uma maneira totalmente diferente: ela está cumprindo seu dever de deter ameaças à ordem pública e violações da lei e seguindo procedimentos.

Os enquadramentos são incrivelmente poderosos e ajudam a explicar por que as pessoas acreditam no que acreditam e agem como agem. Às vezes, os ativistas pressupõem que a polícia ou os políticos são cínicos, corruptos e malvados porque “não é possível que acreditem que o que estão fazendo é certo”. O problema é que é possível, sim, e eles provavelmente acreditam que estão certos porque veem os fatos utilizando uma perspectiva distinta.

Quando os políticos começam acreditando que estão certos (porque possuem informações privilegiadas e estarem convencidos de que, no fundo, estão servindo aos melhores interesses do país), passam a crer que têm a responsabilidade de proteger a sociedade de ameaças perigosas. Os manifestantes são vistos como uma ameaça perigosa, e, portanto, os políticos consideram legítimo colocar os manifestantes sob vigilância, aprovar leis repressivas e usar força policial máxima. Sob a ótica deles, mentir é legítimo, porque serve a um propósito maior. A depreciação dos manifestantes não passa da afirmação da verdade, e a intimidação é justificada porque os manifestantes são vistos como inimigos ameaçadores.

O enquadramento, quando baseado em uma convicção sincera, é a única técnica de reinterpretação que pode ser considerada legítima. Afinal de contas, as pessoas devem poder acreditar no que desejarem, ainda que acabem com uma visão distorcida do mundo. É legítimo ter uma convicção, mas surgem problemas se você tentar impor essa convicção aos outros ou promovê-la por meio de técnicas como mentiras e intimidação.



Em 1984, um vazamento em uma fábrica de pesticidas na Índia matou milhares e feriu centenas de milhares de pessoas. A proprietária da usina, uma empresa dos Estados Unidos chamada Union Carbide, empregou inúmeras técnicas para reduzir a indignação da população.

Os *canais oficiais* incluem procedimentos de queixa, painéis de especialistas, apelos a políticos, ouvidoria, investigações oficiais e tribunais. Os canais oficiais também podem ser

chamados de procedimentos formais. Eles constituem processos feitos para proporcionar a justiça, a igualdade ou a verdade.

Em alguns casos, os canais oficiais operam como deveriam. Uma pessoa comete um crime, como um assassinato, e é presa, julgada e sentenciada. Considera-se que a justiça foi feita.

No entanto, quando um governo, uma empresa poderosa ou as forças armadas cometem um crime, os canais oficiais podem não funcionar tão bem; podem apenas dar a impressão de justiça, e como muitas pessoas acreditam que os canais oficiais fazem justiça, a indignação se reduz, ainda que a justiça não tenha sido feita.

O papel dos canais oficiais na redução da indignação é o recurso mais contraintuitivo do modelo do tiro pela culatra. É comum que os ativistas exijam medidas do governo, reivindicando uma investigação da violência na prisão ou da pobreza. Eles podem abrir processos na justiça, por exemplo, contra a brutalidade policial ou a energia nuclear.

Às vezes, usar canais oficiais é uma boa opção. O modelo do tiro pela culatra não defende que nunca sejam utilizados. Ele defende que os canais oficiais tendem a reduzir a indignação contra a injustiça, porque muitas pessoas acreditam que, se algum órgão oficial estiver tratando do problema, elas próprias não precisam se preocupar tanto com ele.

Os canais oficiais também amortecem a indignação de outras formas:

- Eles são vagarosos. Investigações e ações judiciais podem levar meses ou até anos. Durante esse período, o entusiasmo inicial das pessoas pode esmorecer, e podem surgir outras questões que dividam a atenção.
- Eles são burocráticos, envolvendo toda sorte de normas, regulamentações e formalidades detalhadas. Em ações judiciais, são seguidas normas judiciais probatórias. Normalmente, isso implica que a maior atenção fica concentrada nas especificidades técnicas, nos pormenores processuais, e não na injustiça principal.
- Eles contam com especialistas. São necessários muito conhecimento e experiência para atuar com eficiência quando se recorre a procedimentos de queixas, inquéritos governamentais, painéis de especialistas e ações judiciais. Isso significa que a maioria das pessoas é excluída ou perde o interesse pela causa. Os canais oficiais têm baixa participação pública. Eles são uma boa forma para transformar uma campanha de massa em uma luta entre alguns especialistas.

Quando os perpetradores poderosos estabelecem ou recorrem a canais oficiais, como nas investigações sobre massacres, eles estão passando a questão da esfera pública para uma esfera diferente: a da lei ou da burocracia. Os manifestantes precisam estar cientes disso.

Os perpetradores poderosos preferem os canais oficiais que eles podem influenciar ou controlar. Eles preferem investigações internas, não investigações independentes: preferem que a polícia investigue a brutalidade policial a estabelecer uma investigação independente. Eles preferem investigações fechadas, não investigações abertas ou públicas, pois, para eles,

é melhor ter audiências fechadas às quais os jornalistas não têm acesso do que realizar audiências abertas. Eles normalmente tentam estabelecer termos de referência, ou seja, os temas que a investigação deve abordar são restritos, de modo que o impacto potencial será reduzido.

O problema é que investigações internas fechadas com termos de referência restritos não possuem muita credibilidade. Então, às vezes, os governos realizam investigações abertas, independentes e amplas, torcendo para que elas os beneficiem.

Em algumas raras ocasiões, uma investigação se torna uma forma de campanha. Em meados da década de 1990, no estado de Nova Gales do Sul, na Austrália, uma comissão real estava investigando a polícia. A comissão realizou audiências públicas que geraram grande cobertura da imprensa. A investigação tornou-se mais incisiva ainda quando alguns policiais se transformaram em informantes e obtiveram provas de negociações gravadas em vídeo. Com a transmissão desses vídeos pela televisão, o governo não teve saída senão tomar medidas que resultaram em reformas sérias⁹.

No entanto, para cada comissão de campanha como essa, há dezenas de outras que são bem mais doutrinadas. Algumas delas operam em sigilo e com publicidade mínima, então há pouca pressão para mudanças. Algumas delas chegam a conclusões que reiteram a posição do governo. Ainda assim, outras geram recomendações esclarecidas e progressivas, o que é bom, porém os governos nunca as implantam.

Ao analisar o papel de canais oficiais em relação à indignação da população, é útil refletir sobre uma ampla gama de organizações e processos que podem servir como canais oficiais. Por exemplo, buscar apoio de um político pode servir como um canal oficial, sobretudo se o político prometer ajudar, mas não cumprir a promessa ou demorar demais. Uma eleição é um tipo de canal oficial: ela proporciona legitimidade ao sistema de governo. É por isso que muitos ditadores realizam eleições. Mesmo quando são fraudulentas e encenadas, elas podem dar a aparência de legitimidade ao vencedor, ao menos para algumas pessoas¹⁰.

A *intimidação* é qualquer ameaça ou ataque para desestimular a manifestação da indignação. Um funcionário público gostaria de se manifestar sobre a corrupção, porém teme represálias, tais como a demissão. Um jornalista gostaria de escrever sobre um caso de corrupção, mas o redator-chefe ou a editora teme ser processado(a). Uma vítima de brutalidade policial pode querer se manifestar, porém teme sofrer mais assédio policial.

A intimidação é um pouco diferente das demais táticas, que são feitas para reduzir a indignação. Ela não reduz necessariamente a indignação; ao contrário, desestimula as pessoas de tomarem providências motivadas por essa indignação.

⁹ Rodney Tiffen, *Scandals: Media, Politics and Corruption in Contemporary Australia* (Sydney, University of New South Wales Press, 1999).

¹⁰ Benjamin Ginsberg, *The Consequences of Consent: Elections, Citizen Control and Popular Acquiescence* (Reading, MA, Addison-Wesley, 1982).

Algumas formas de intimidação são visíveis e óbvias, como espancamentos e tiroteios. Outras são mais sutis, como um olhar ameaçador, uma insinuação de que se vai processar a pessoa ou a presença de fotografos da polícia em uma manifestação.

Para os perpetradores, a intimidação tem uma grande desvantagem: ela pode causar mais indignação ainda. Imagine um jornalista fazendo uma reportagem sobre um protesto. Se o jornalista for ameaçado, surrado ou preso, isso pode fazer com que ele empreenda esforços ainda maiores para expor os problemas, como o ocorrido em Timor-Leste em 1991 e com a flotilha de Gaza em 2010. O mesmo pode ocorrer quando a polícia ameaça ou fere manifestantes, muitos dos quais possuem a tecnologia e as habilidades necessárias para divulgar abusos.

Como a intimidação é reprovada pela maioria das pessoas, costuma ser encoberta. A polícia não anuncia que vai assediar alguém em quem ela bateu. É comum a intimidação andar de mãos dadas com o encobrimento.

As recompensas são qualquer tipo de vantagem, incentivo ou suborno que torna as pessoas menos propensas a manifestar a indignação. Os advogados que trabalharam para o McDonald's na ação de difamação contra Helen Steel e Dave Morris foram amplamente recompensados por seu trabalho.

Pode ser muito difícil encontrar evidências desse tipo de efeito. Há poucos indícios de que um policial de Los Angeles tenha sentido alguma indignação em relação ao espancamento de Rodney King; portanto, é impossível saber se as possíveis recompensas fizeram alguma diferença em seu comportamento. Também é difícil saber se os advogados que defenderam o McDonald's consideraram o processo por calúnia e difamação conhecido como *McLibel* [McCalúnia] equivocado. Os advogados normalmente defendem causas nas quais não acreditam e acham que isso faz parte de seu trabalho.

As recompensas são um processo paralelo à intimidação. A ideia, em ambos os métodos, é que as pessoas podem ficar indignadas, mas são potencialmente desencorajadas de manifestá-la pelo temor das consequências (intimidação) ou pela promessa de alguma vantagem (recompensas). É por essa razão que esses dois métodos estão juntos na mesma categoria do modelo do tiro pela culatra. Não haveria problema em separá-los.

Como é muito difícil encontrar provas concretas de recompensas, normalmente é mais fácil não as mencionar em uma análise do tiro pela culatra. A intimidação é mais óbvia por ser direcionada ao alvo do ataque e aos aliados do alvo, ao passo que os aliados do perpetrador recebem os incentivos.



Em alguns casos, os alvos são os subornados. Os delatores, ou seja, aqueles que se manifestam para servir ao interesse público normalmente sofrem represálias, como assédio, reprimendas, isolamento, rebaixamento e demissão. Essas represálias são uma possível fonte de indignação. Quando os delatores entram na justiça por uma demissão injusta ou para obter compensação, podem receber uma oferta de acordo: um pagamento. Uma das condições comuns em acordos é o delator firmar um compromisso para não comentar publicamente o acordo ou o problema original. Para receber o dinheiro, o delator tem que permanecer calado. É uma espécie de suborno.

Às vezes, a vantagem de ser um observador ou colaborador tácito é simplesmente ser deixado em paz. É comum que funcionários que tenham presenciado comportamentos corruptos não digam nada, porque sabem que pode haver repercussões se o fizerem. A “recompensa” de ser deixado em paz também pode ser vista como uma tática de intimidação: os funcionários têm medo de represálias. Isso sugere a estreita ligação que ocorre, às vezes, entre a intimidação e as recompensas.

Quando os alvos reduzem a indignação

As táticas que reduzem a indignação são mais comumente utilizadas por perpetradores e seus aliados. Os torturadores não mencionam seu trabalho, assim como também os governos. Contudo, às vezes, as vítimas colaboram. É comum que as vítimas de tortura fiquem altamente traumatizadas e apavoradas. Elas podem não se sentir seguras o bastante para contar suas experiências. Quando permanecem caladas, colaboram para o encobrimento.

Seria absurdo acusar vítimas de tortura de encobrimento. Ao fazer uma análise do tiro pela culatra, o objetivo é entender os processos que contribuem para uma maior indignação. Como as vítimas de tortura foram submetidas a uma forma extrema de intimidação, pode ser necessário que outros se manifestem em seu nome.

Trabalhadores intimidados no trabalho normalmente se sentem humilhados e magoados. Às vezes, começam a acreditar no que todos os outros parecem acreditar: que eles são responsáveis pelo que lhes está acontecendo. O resultado é que muitos trabalhadores intimidados não estão dispostos a contar suas experiências aos outros, ou talvez estejam

dispostos a contar apenas a amigos e a mais ninguém. Podem lhes dizer que eles estão contribuindo para o encobrimento. Isso é perfeitamente compreensível. É preciso tomar o máximo cuidado ao sugerir a trabalhadores intimidados que eles denunciem a agressão.



Os terroristas normalmente usam métodos que aumentam a oposição pública às suas atividades.

Muitas pessoas acreditam no poder dos canais oficiais para fazer justiça. Trabalhadores intimidados frequentemente fazem reclamações a seus chefes e superiores, apresentam queixas formais ou recorrem à justiça. Às vezes, essas reivindicações surtem efeito; em muitos casos, entretanto, elas são piores do que nada. Os processos trabalhistas por assédio podem incluir tentativas para desmerecer o trabalhador, que são vivenciadas como uma continuação do assédio¹¹.

Em termos do modelo de tiro pela culatra, o importante é que a utilização dos canais oficiais talvez diminua a indignação. Se o objetivo for mobilizar apoio, então normalmente é melhor evitar os canais oficiais ou utilizá-los como uma ferramenta de campanha. No entanto, nem todos entendem como pode ser poderoso mobilizar apoio; e mesmo alguns daqueles que entendem isso podem querer utilizar os canais oficiais de qualquer forma.

O importante aqui é que os alvos da injustiça, às vezes, contribuem para reduzir a indignação. Com frequência, há bons motivos para isso, que devem ser respeitados. Às vezes, entretanto, os alvos não percebem que estão fazendo o jogo dos perpetradores.

Quando os perpetradores aumentam a indignação

De acordo com o modelo de tiro pela culatra, perpetradores da injustiça poderosos podem empregar vários métodos para reduzir a indignação contra seus atos. Contudo, às vezes, os agressores parecem ignorar esses métodos ou ainda fazem exatamente o oposto: tomam medidas que acentuam a indignação!

A partir de 2002, o presidente George W. Bush e outros funcionários do alto escalão do governo dos Estados Unidos sinalizaram suas intenções de lançar uma invasão ao Iraque. Uma guerra ilegal e agressiva tenderia a gerar oposição; porém, em vez de ocultar seus planos, eles os proclamaram abertamente, o que ajudou a estimular uma enorme resistência,

¹¹ Deborah Osborne, "Pathways into bullying," Procedimentos da 4a. Conferência da região Ásia-Pacífico sobre Integridade Educacional, Wollongong, 2009, <http://ro.uow.edu.au/ap-cei/09/papers/18/>.

cujo momento mais intenso foi o maior protesto a nível mundial da história, em 15 de fevereiro de 2003, no qual milhões de pessoas foram às ruas das cidades do mundo todo.

Essa atitude opõe-se à abordagem empregada pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, na década de 1980, quando a agressão militar contra o governo e a população da Nicarágua foi dissimulada. O governo dos Estados Unidos, em vez de atacar diretamente a Nicarágua, ofereceu assistência velada aos Contras. Esse encobrimento parcial da agressão tornou muito mais difícil a geração de oposição.

Às vezes, os agressores divulgam seus atos e motivações porque acreditam que não há oposição significativa, ou porque são arrogantes e pensam que podem fazer o que bem entenderem, ou ainda porque precisam mobilizar apoio para sua abordagem. Alguns ataques abertos servem como uma poderosa forma de intimidação.

E também existe o terrorismo: ataques a civis como meio de transmitir uma mensagem à população¹². Os terroristas possuem objetivos distintos.



O World Trade Center, atacado em 11 de setembro de 2001

Alguns buscam vingança por injustiças anteriores. Alguns buscam atenção para sua causa por meio de ações de grande impacto. Outros são mais estratégicos: esperam desencadear uma reação forte de seus alvos (por exemplo, maior repressão) na esperança de que isso mobilize maior apoio para sua causa, ou seja, gerar um tiro pela culatra em seu favor.

Qualquer que seja a lógica, ao que parece, atos terroristas são feitos para maximizar a indignação. Pense no 11 de setembro de 2001: os ataques a civis foram em plena luz do dia, permitindo máxima publicidade, não foram escondidos. Os agressores tinham pouca capacidade para depreciar seus alvos ou fazer uso de canais oficiais ou intimidação contra seus oponentes. O resultado: um tiro pela culatra gigantesco, sob forma de apoio popular ao governo e à população dos Estados Unidos, o bombardeio do Afeganistão e uma expansão maciça do sistema de segurança dos Estados Unidos.

¹² Sobre este modelo de comunicação de terrorismo, veja Alex P. Schmid e Janny de Graaf, *Violence as Communication: Insurgent Terrorism and the Western News Media* (London, Sage, 1982). Veja também Brigitte L. Nacos, *Mass-Mediated Terrorism: The Central Role of the Media in Terrorism and Counterterrorism* (Lanham, MD, Rowman & Littlefield, 2002); Joseph S. Tuman, *Communicating Terror: The Rhetorical Dimensions of Terrorism* (Thousand Oaks, CA, Sage, 2003).

A lição é a seguinte: não pense que os perpetradores sempre farão todo o possível para reduzir a indignação. Seja inadvertidamente ou de propósito, eles, às vezes, fazem exatamente o oposto.

Como escrever um texto sobre o tiro pela culatra

Você já reuniu materiais sobre as táticas empregadas em um caso de injustiça. Você tem informações sobre encobrimento, depreciação e assim por diante. Você está pronto para escrever o texto. Como organizar o material?

1. Primeiro o texto, depois a análise¹³

Você primeiro conta o que aconteceu, por exemplo, o histórico, o massacre e as consequências, fornecendo todos os detalhes pertinentes durante o processo. Depois de contar a história, você destaca as táticas utilizadas, primeiro de encobrimento, depois de depreciação, e assim por diante.

Esta abordagem tem a vantagem de permitir uma narrativa completa e ininterrupta com referências à teoria durante o processo. Ela também torna bem fácil redigir o texto. A desvantagem é que os leitores podem não conseguir se lembrar de toda a narrativa. Por isso, quando você passar à análise das táticas, eles podem não se recordar de detalhes pertinentes.

2. Texto com análise durante a narrativa¹⁴

Você elabora um texto de modo que possa fazer a análise das táticas durante a narrativa. Você pode começar a descrever os elementos do texto que tratam do encobrimento, depois da depreciação, e assim por diante. Às vezes, um breve resumo dos acontecimentos no início pode ser útil.

Esta forma de elaboração fornece ao mesmo tempo a narrativa e vínculos vívidos com as táticas usadas. No entanto pode ser difícil contar a história dessa forma. Pode ser necessário mencionar eventos fora da ordem cronológica, ou fazer referência aos principais eventos mais de uma vez.

3. Análise ilustrada por exemplos¹⁵

Você descreve sistematicamente as táticas empregadas. Para cada tática (encobrimento etc.) você utiliza uma série de exemplos. Ao analisar as táticas utilizadas com a tortura, você pode usar exemplos de diferentes locais e épocas.

¹³ Exemplos são os capítulos 2, 3 e 4 de *Justice Ignited*.

¹⁴ Exemplos são os capítulos 5, 8, 9 e 10 de *Justice Ignited*.

¹⁵ Exemplos são os capítulos 6, 11 e 12 de *Justice Ignited*.



Mohandas Gandhi escrevia quase todos os dias. Suas obras, depois de reunidas, formaram 100 volumes.

Esta abordagem destaca a análise ao mesmo tempo em que mantém o poder dos exemplos. Ela carece do poder da narrativa e pode, potencialmente, ser criticada por escolher exemplos adequados à análise.

Não há forma ideal de escrever sobre o tiro pela culatra. Essas são três abordagens gerais, existem muitas outras. Seu procedimento depende do seu público, do seu material e do seu propósito. Uma análise acadêmica demorada terá um tom e estrutura bem diferentes de uma análise breve direcionada a ativistas.

Como proceder ao redigir a narrativa

A maioria dos pesquisadores reúne muitas informações, tomando notas ao longo do processo, e depois se senta para escrever sobre o que descobriu. Isso pode funcionar bem com pequenos projetos, mas fica cada vez mais complicado quando há muito material.



Uma abordagem alternativa é começar a escrever um artigo do começo, com base no que você já sabe, e ir acrescentando conteúdo aos poucos. Robert Boice, em seus estudos com escritores e acadêmicos, verificou que aqueles que escreviam um pouquinho todos os dias tinham uma produtividade muito maior que aqueles que não escreviam nada e, de repente, se viam obrigados a fazer um esforço frenético, normalmente, por causa do vencimento de

um prazo¹⁶. Escrever só para se entregar o texto dentro do prazo pode ser chamado de estafante. É tão estressante que não se deseja repetir a tarefa tão cedo.

Para usar a abordagem de Boice, você deve escrever um pouco do artigo a cada dia, talvez produzindo um trecho novo durante cinco a 20 minutos, depois passar um período semelhante editando o que você já escreveu. Quando deparar com algo que não sabe ainda, deixe um lembrete sobre o que precisa pesquisar.

A vantagem é que sua mente age, pelo resto do dia, principalmente de forma inconsciente, refletindo sobre os assuntos e ajudando você a colocá-los em uma estrutura lógica. Você poupa tempo porque, em vez de ler milhares de textos antes de escrever, sua escrita diária propicia uma estrutura. Você não precisa ler tanto, porque já sabe o que está procurando.

Quando você termina o primeiro rascunho e passa a aperfeiçoá-lo, é hora de obter comentários. Tara Gray, que transformou a abordagem de Boice em um programa para publicação¹⁷, recomenda enviar o rascunho primeiro a leigos na matéria, que não sabem muito sobre o assunto. Suponhamos que você esteja escrevendo sobre as táticas empregadas pelo governo dos Estados Unidos para diminuir a indignação com o bombardeio do Afeganistão a partir de outubro de 2001. Primeiramente, você mostra seu rascunho a pessoas que não estudaram a guerra do Afeganistão e que não têm familiaridade com o modelo do tiro pela culatra. Elas farão comentários e perguntas que ajudarão você a esclarecer seu argumento. Por exemplo, elas podem perguntar como você sabe que houve mortes de civis, ou o que você quer dizer com canais oficiais.

Após fazer alterações com base nos comentários dos leigos, envie seu artigo aos especialistas da área, se possível, a especialistas no assunto específico do qual você trata: o bombardeio do Afeganistão. Envie-o também a especialistas sobre táticas de tiro pela culatra. Eles farão comentários sobre fatos e interpretações.

Por que perder tempo enviando seu artigo a leigos? Certamente os especialistas sabem mais! O problema é que eles estão tão familiarizados com o assunto que podem não notar que você não explicou os conceitos claramente, ou não organizou seu material de forma lógica. Os especialistas já conhecem os conceitos, e podem não notar problemas na sua explicação porque o conteúdo, para eles, é óbvio.

A maioria dos seus leitores provavelmente será constituída de leigos, então você precisa se comunicar com eles. No entanto, se você cometer enganos, poderá perder a credibilidade, sobretudo se houver críticas de sua análise. Você precisa da contribuição de especialistas para ajudar a tornar sua abordagem mais precisa.

¹⁶ Robert Boice, *Advice for New Faculty Members: Nihil Nimus* (Boston, Allyn and Bacon, 2000).

¹⁷ Tara Gray, *Publish & Flourish: Become a Prolific Scholar* (Teaching Academy, New Mexico State University, 2005).

A combinação de escrever regularmente e buscar opiniões de leigos e especialistas sobre os seus rascunhos pode resultar em um texto altamente eficiente. Quanto mais você escreve, melhor você fica, desde que continue tentando melhorar.

Publicação

Onde você deve publicar sua análise do tiro pela culatra? Depende do seu público-alvo e de seu objetivo.

Seu público principal pode ser formado por ativistas, membros de uma determinada organização ou qualquer um interessado no assunto. Pensar em seu público-alvo é importante, porque deve influenciar o linguajar que você utiliza, a quantidade de informações, o volume e a aparência de sua publicação.

Artigos acadêmicos podem ser úteis para fornecer documentação detalhada e argumentos rigorosos. Porém o estilo acadêmico habitual de escrita raramente atrai os leigos (ou até os especialistas!). Portanto, se você quiser alcançar um público maior, pode escrever algo mais curto, que conte uma história, forneça diversos exemplos e seja expresso com clareza. Você pode encontrar bons exemplos em páginas da Internet sobre comentários políticos.

Um artigo é uma opção. É possível considerar ainda uma exibição de slides, um programa de rádio, um vídeo ou cartaz. Você pode pensar em diferentes formatos, como um debate, um diário ou um romance policial.

A forma de proceder depende do seu objetivo. Você pode querer informar o público, por exemplo, para ajudar os ativistas a pensarem sobre como serem mais eficientes; ou para alertar integrantes da população sobre um assunto importante. Você pode querer contribuir para uma maior compreensão sobre o assunto ou o processo do tiro pela culatra. Você pode querer desenvolver suas habilidades de análise, redação, publicação ou interação com o público. Quanto mais você produz, mais desenvolve suas habilidades, e mais eficiente pode se tornar na conscientização das pessoas.

3. Preparação

Você está planejando fazer algo, e há chances de que você seja atacado. O que você deveria fazer? O modelo do "tiro pela culatra" pode lhe oferecer uma orientação.

- Você trabalha para uma empresa e descobriu indícios de corrupção. Você está pensando em denunciar o ocorrido.
- Você está planejando uma manifestação e está preocupado com a perspectiva de ocorrer violência policial.
- Seu grupo assumiu um papel de liderança da oposição a um político poderoso. Você está preocupado com as represálias.

Em casos como esses, você precisa pensar cuidadosamente nos possíveis riscos e planejar suas ações adequadamente. O ideal é se preparar, para que suas chances de ser atacado sejam menores e, se você for atacado, para que o tiro do atacante saia pela culatra.



A maneira de fazer isso é começar pensando em como seu oponente pode atacar e o que ele poderia fazer para reduzir a indignação pública diante desse ataque. Os métodos prováveis são encobrimento, depreciação, reinterpretação, uso dos canais oficiais e intimidação.

Corrupção

Você trabalha para uma empresa e descobriu indícios de corrupção. Você está pensando em denunciar o ocorrido.¹

Esse é um exemplo de ação individual que o deixa vulnerável a ataques. Dinâmicas semelhantes são vistas nas estratégias de resistência à intimidação, ao racismo, ao sexismo, a qualquer tipo de injustiça ou abuso que seja endossado ou tolerado pelos gerentes. É

¹Sobre as delações, veja um exemplo em C. Fred Alford, *Whistleblowers: Broken Lives and Organizational Power* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001); Myron Peretz Glazer e Penina Migdal Glazer, *The Whistleblowers: Exposing Corruption in Government and Industry* (New York: Basic Books, 1989); Geoffrey Hunt, org., *Whistleblowing in the Social Services: Public Accountability and Professional Practice* (Londres, Edward Arnold, 1998); Marcia P. Miceli e Janet P. Near, *Blowing the Whistle: The Organizational and Legal Implications for Companies and Employees* (Nova York, Lexington Books, 1992); Terance D. Miethe, *Whistleblowing at Work: Tough Choices in Exposing Fraud, Waste, and Abuse on the Job* (Boulder, CO, Westview, 1999).

preciso pensar no que os oponentes podem fazer para reduzir a indignação, começando com o encobrimento.

Encobrimento

É possível prever que a parte corrupta vá utilizar métodos para encobrir o que está sendo feito ou a responsabilidade pelo que foi feito. É claro que os envolvidos em corrupção tentam escondê-la. Assim que você fizer a denúncia, eles saberão que estão sendo denunciados e tomarão outras providências para encobrir o que estão fazendo. Então pense no que eles podem fazer.

Eles podem destruir provas. Isso significa que você precisa coletar de antemão todas as provas que puder. É arriscado ir à polícia e sugerir uma batida, porque se os corruptos suspeitarem do ataque, destruirão os documentos antecipadamente. Eles podem ter contatos na polícia.

Suponha que você tenha coletado muitas provas. Onde você as guardou? Em um arquivo no seu computador? Talvez os corruptos decidam roubar seu computador ou pagar alguém para roubá-lo, fazendo com que pareça um assalto comum. Portanto, você precisa providenciar cópias de segurança. Entregue conjuntos completos de todas as provas a vários amigos ou aos seus advogados, para que eles as mantenham seguras.



Andrew Wilkie, um analista de inteligência que, em 2003, revelou a insuficiência das justificativas do governo australiano para tomar parte na invasão do Iraque. O governo australiano usou várias técnicas para desacreditar Wilkie, mas ele rebateu todas efetivamente.

Depreciação

Se você denunciar a corrupção, tornando-se, em outras palavras, um delator, talvez imagine que será elogiado por sua coragem e comprometimento, porém não se iluda. Os envolvidos na corrupção, ou os que a omitiram, preferem reduzir a indignação pública. Não há melhor maneira de fazer isso do que depreciar você. Eles podem, então, espalhar boatos sobre você: seu desempenho ruim no emprego, seu comportamento sexual, suas fraudes e mentiras, seus distúrbios de personalidade. Alguns boatos podem ter algum elemento de verdade; outros podem ser totalmente inventados. Eles podem vasculhar sua ficha no

departamento pessoal ou nos registros públicos procurando deslizes, por mínimos que sejam, para prejudicar sua reputação. Talvez alguém tenha se queixado de você há cinco ou dez anos. Isso será divulgado e exagerado como se fosse uma grande falha. Você pode ser assediado e provocado até o ponto de perder a paciência e gritar com alguém; então, o fato de você ter gritado será usado para depreciá-lo. Todo aspecto negativo de suas avaliações profissionais será alardeado para qualquer um que queira ouvir.

Essas coisas não vão, necessariamente, acontecer, mas é possível que ocorram. Então você precisa estar preparado. Antes de fazer a denúncia, você precisa reunir todas as provas disponíveis de seu bom desempenho e de sua personalidade agradável. Guarde cópias de todas as suas avaliações profissionais positivas. Reúna declarações de seus chefes e colegas de trabalho. Reúna toda a documentação que puder para provar que você possui bom caráter, e esteja preparado para usá-la para rebater ataques à sua reputação.

Você precisa estar preparado para as tentativas de provocá-lo a fazer algo considerado inadequado. Isso significa que, quando os outros fizerem comentários desagradáveis ou coisas que eles sabem que vão irritá-lo, você precisa resistir à tentação de gritar, explodir ou fazer comentários grosseiros. É claro que isso é perfeitamente justificável, mas não é uma questão de ser justo, e sim do que é eficaz. Para ser eficaz, você precisa se comportar impecavelmente, melhor do que todas as outras pessoas. Se possível, você precisa encontrar outras pessoas que falem bem de você, afirmando que você é uma pessoa conscienciosa e agradável.

Talvez existam coisas que você prefira que as pessoas não saibam, talvez alguma ocasião em que você bebeu demais, ou algum erro que você cometeu no trabalho. Esteja preparado para a possibilidade de que divulguem essas histórias, para um público muito maior do que você gostaria. Se esse tipo de publicidade negativa vai prejudicar você e seus entes queridos além do suportável, então agora é a hora de reconsiderar se você vai mesmo fazer a denúncia ou não. Existem outras opções?

Uma opção é encontrar outra pessoa para fazer a denúncia, algum colega de trabalho que tenha menos a perder. Isso não é fácil, mas é possível.

Outra opção é conseguir outro emprego, colocar-se em uma situação segura, com um chefe solidário, para só então denunciar a corrupção do seu antigo patrão. Seu antigo empregador ainda pode tentar desacreditá-lo, mas não será capaz de provocá-lo a ponto de cometer atos imprudentes.

Outra opção é vaziar documentos e permanecer anônimo. Você pode procurar um jornalista solidário ou um grupo de ação para o qual você pode entregar os documentos ou, se o problema for grande o suficiente, publicá-los no WikiLeaks ou algum outro repositório online.² Se você estiver anônimo, será muito mais difícil depreciá-lo e, além disso, se permanecer no trabalho, será capaz de coletar mais material. No entanto, esteja preparado

² Sobre os vazamentos de informações, ver Kathryn Flynn, "The practice and politics of leaking", *Social Alternatives*, Vol. 30, nº. 1, 2011, pp. 24–28, <http://www.bmartin.cc/pubs/11sa/Flynn.html>

para enfrentar todos os tipos de tentativas de descobrir quem vazou os documentos. Essa é uma situação diferente, que exige preparativos cuidadosos.

Reinterpretação

Você precisa estar preparado para mentiras e tentativas de minimizar o que aconteceu, de pôr a culpa em você e de enquadrar os fatos. Suponha que você estivesse em uma reunião em que o chefe pediu que alguém assinasse declarações falsas. Você pode imaginar que poderia denunciar isso, afinal de contas, havia várias testemunhas presentes. Mas aí você descobre que o chefe agora nega ter pedido a alguém que assinasse tais declarações, e que todos os presentes apoiam o chefe. Estão todos mentindo! Se isso for um problema muito grave, você pode se preparar gravando a conversa secretamente (mas tome cuidado: se a gravação for descoberta, isso pode destruir suas relações). Moral: quando outros podem mentir, você precisa de uma documentação convincente. Mentir também pode ser uma forma de encobrimento.

O chefe pode dizer que assinar declarações falsas não é grande coisa; isso acontece o tempo todo. Essa é a técnica da minimização: dizer que o que aconteceu não é tão importante quanto os outros possam pensar. Para rebater isso, você pode coletar informações mostrando que é importante. Talvez existam exemplos anteriores em sua própria organização nos quais a assinatura de declarações falsas foi algo tratado como uma infração significativa de princípios éticos. Outra possibilidade é descobrir como outras organizações tratam esse tipo de atitude, especialmente empresas conceituadas.

Se o chefe for pego em flagrante fazendo algo errado, ele pode tentar culpar os outros. Uma possibilidade é culpar os funcionários que assinaram a declaração falsa, dizendo que são eles os responsáveis. Outra possibilidade é pôr a culpa na diretoria, por exigir esse tipo de comportamento. Você pode pensar que é injusto culpar os trabalhadores que têm que escolher entre assinar declarações falsas e perder seus empregos, ou então que são todos culpados. O risco de se permitir que sejam feitas essas falsas acusações como essas é que a responsabilidade acabe se diluindo e, no final das contas, apenas alguns bodes expiatórios sejam punidos. Portanto, esteja preparado, obtendo informações e dominando os procedimentos que permitem que a culpa seja atribuída corretamente.



Suprema Corte da Austrália

Por fim, há o ponto de vista de que é assim que as coisas são feitas, que não há nada de errado no ocorrido, porque não causou dano algum, que excesso de burocracia toma

tempo e incomoda sem trazer nenhum benefício. Ou talvez o ponto de vista seja "isso sempre foi feito dessa forma, não tem problema". Essa é uma forma de ver a corrupção bastante normal. É uma maneira muitas vezes sincera de entender a questão. Você tem um ponto de vista diferente, um enquadramento diferente; ou seja, a de que assinar declarações falsas é errado. Você precisa estar preparado com indícios e argumentos para contrariar a visão de que "não fizemos nada de errado".

Esse conflito entre interpretações provém do significado dos eventos. O que realmente aconteceu? Qual a importância disso? Isso é um comportamento normal ou é corrupção? Você precisa estar preparado para confrontar outras pessoas, que vão apresentar informações e pontos de vista completamente diferentes das suas e que vão disfarçar e distorcer as percepções e interpretações de maneira a se beneficiarem.

Canais oficiais

Os canais oficiais tendem a atenuar a indignação. Então, como se preparar? Se você decidir apresentar uma queixa formal ou entrar com uma ação judicial, apesar das desvantagens, deve verificar primeiro quais são as opções mais promissoras. Às vezes, você tem à mão opções de uso dos canais oficiais: procedimentos internos de reclamações, ouvidoria, auditoria geral, um comitê contra a corrupção, políticos ou vários tipos de tribunais, por exemplo. Antes de escolher a opção que parece ser mais óbvia e relevante, obtenha mais informações sobre ela. Quem mais usou o mesmo método? Quanto tempo levou? Quanto custou o procedimento? Eles foram bem-sucedidos?

Os delatores conhecem bem a sua causa e, muitas vezes, acreditam firmemente que estão certos. Então, pensam: "É claro que a reclamação formal ou a deliberação do tribunal decidirá em meu favor". Por isso os delatores continuam tentando usar os canais oficiais, apesar de seus evidentes problemas. Só que os canais oficiais não operam com base em quem está certo, mas em regras e procedimentos formais, que podem sabotar até mesmo a causa mais bem fundamentada, pelo menos no papel.

Ao se analisarem experiências anteriores com canais oficiais, pode-se fazer um planejamento mais realista. Se apenas um dos 50 delatores que entraram com uma ação no tribunal foi bem-sucedido, então as suas probabilidades são as mesmas: uma em 50.³ Ignore a voz que diz "meu caso é diferente", porque ela pode conduzir diretamente à sua destruição.

³ Para alguns tribunais, isso é próximo do número real. Nos EUA, país com a mais longa experiência em legislação sobre delações, "entre a aprovação das emendas de 1994 e setembro de 2002, os delatores perderam 74 das 75 sentenças relativas ao mérito de suas ações no Federal Court of Appeals (Tribunal Federal de Recursos), instituição que detém o monopólio da revisão judicial de decisões administrativas." Tom Devine, "Whistleblowing in the United States: The Gap between Vision and Lessons Learned," in *Whistleblowing around the World: Law, Culture and Practice*, org. Richard Calland e Guy Dehn (Cape Town, Open Democracy Advice Centre; Londres, Public Concern at Work, 2004), pp. 74–100, nas pp. 83–84.

E se não houver informações sobre experiências anteriores? Nesse caso, tente descobrir quem mais tentou a mesma coisa. Mesmo um ou dois casos anteriores já é melhor que nenhum.

Se você decidir utilizar um canal oficial, esteja ciente do que seus oponentes farão. Eles tentarão desacelerar o processo, manter tudo o mais confidencial possível, tornar tudo o mais técnico e burocrático que puderem, além de tentar aumentar seus custos. Você espera um processo rápido, focado e aberto. Boa sorte, porque todas as pressões lhe serão contrárias. Esteja preparado para uma jornada longa e árdua. Avalie suas finanças, seus relacionamentos e seus aliados. Você consegue sustentar isso durante meses ou anos? Se decidir entrar na justiça, está preparado para enfrentar os recursos, interrompendo o processo por anos?

Pode ser que você decida evitar canais oficiais e montar uma campanha, mas isso também requer planejamento. Esse é um tópico totalmente à parte. Você precisará escrever histórias sobre suas experiências, reunir provas, estar preparado para falar, encontrar aliados, disponibilizar informações, manter contatos com a mídia e muito mais.⁴

Intimidação

Quando você faz algo como denunciar a corrupção, precisa estar preparado para represálias. Não fique surpreso, nem perca a calma. Em vez disso, esteja preparado. Leia sobre o que é ser “resiliente” diante da adversidade.⁵

Você deve contar o que pretende fazer à sua família e aos seus amigos próximos e falar das possíveis consequências, se puderem compreender isso. Se estiverem preparados, poderão apoiá-lo de forma mais eficaz.

Se algumas das represálias tiverem implicações financeiras, por exemplo, se houver chance de você perder seu emprego ou ser processado, tome providências para reduzir o risco. Ou seja, você pode ter que liquidar suas dívidas, reduzir suas despesas, encontrar outro emprego ou transferir bens para o nome de outras pessoas.

Se houver risco à sua integridade física, por exemplo, o de ser agredido, você precisa se proteger. O modo de fazer isso depende muito das circunstâncias. Pode ser necessário evitar certos lugares, conferir se o seu carro está funcionando bem antes de usá-lo, mudar-se para outra cidade ou até mesmo criar uma nova identidade.

Uma das formas mais poderosas de lidar com a intimidação é documentar e denunciar as tentativas. Isso porque muitas pessoas reprovam a intimidação e vão oferecer mais apoio se acreditarem que você está sendo atacado. Portanto, esteja preparado para usar todos os

⁴ Brian Martin, *The Whistleblower's Handbook: How to Be an Effective Resister* (Charlbury, Reino Unido, Jon Carpenter, 1999), <http://www.bmartin.cc/pubs/99wh.html>.

⁵ Salvatore R Maddi e Deborah M Khoshaba, *Resilience at Work: How to Succeed no Matter what Life Throws at You* (Nova York, Amacom, 2005); Amanda Ripley, *The Unthinkable: Who Survives When Disaster Strikes — and Why* (New York, Three Rivers Press, 2009).

métodos usuais de coleta de informações, mas, desta vez, antes de possíveis represálias. Talvez seja necessário guardar e-mails e declarações assinadas, gravar conversas ou tirar fotos. Pode ser que você precise de planos de contingência caso seja preso, para que outros possam agir em seu nome.⁶



Essas precauções podem não ser necessárias, e os outros podem pensar que você está sendo paranoico. Ainda assim, estar preparado para ataques é algo bastante sensato, mesmo que pareça mais corajoso apenas esperar e enfrentar o que vier. Estar preparado para o pior pode torná-lo mais confiante e capaz de agir; assim você não precisa se preocupar tanto.

Com uma boa preparação da sua parte, os oponentes estarão menos propensos a atacar, principalmente se eles perceberem que os ataques deles serão denunciados e que talvez saiam pela culatra. Por isso, é sempre bom espalhar por aí que você está preparado.

Violência policial

Você está planejando uma manifestação e está preocupado com a possibilidade de violência policial.

Esse é um exemplo de ataque a um protesto público. Os ataques também podem vir de oponentes (manifestantes contrários), justiceiros ou mercenários.

Encobrimento

Quando a polícia usa a força contra os manifestantes, eles raramente querem que testemunhas vejam o que estão fazendo. Se eles parecerem violentos, isso vai prejudicar sua imagem aos olhos das testemunhas. De fato, esse é um tipo clássico de injustiça: uma pessoa agredindo outra que não resiste, sem justificativa.

Portanto, é previsível que a polícia e seus aliados tentem limitar a visibilidade da violência policial, principalmente diante de algum público externo. Como eles podem fazer isso?

Uma maneira é baterem nos manifestantes quando acharem que ninguém vai ver ou registrar a violência. Pode-se combater esse método de encobrimento usando câmeras. A polícia sabe disso, então tenta confiscar ou danificar câmeras. Para se preparar, muitos

⁶ Zorana Smiljanic, "Plan B: Using Secondary Protests to Undermine Repression," New Tactics in Human Rights, <http://www.newtactics.org/en/PlanB>

manifestantes deveriam portar câmeras. A gravação de áudio é outra opção para registrar o que a polícia está dizendo.

Gravar vídeo e áudio é o primeiro passo. O próximo é disponibilizar esse material para o público, com credibilidade. Os vídeos podem ser colocados no YouTube; eles precisam ser identificados para que os eventos façam sentido. Depois, é preciso notificar o público que há vídeos comprovando a violência no YouTube.

A tecnologia para registrar e distribuir informações está em constante desenvolvimento. Os detalhes tecnológicos são importantes e precisam ser avaliados à luz dos principais elementos do desafio que o encobrimento impõe:

- reunir informações
- distribuir informações para o público
- tornar as informações confiáveis

O processo de tornar a informação confiável pode ocorrer através do envolvimento de um repórter ou outro observador respeitado, coletando imagens de alta qualidade e reunindo-as em uma narrativa convincente. Em seguida, deve-se distribuir a informação através de canais que tenham status ou influência.



Cassetete elétrico. Governos e empresas que vendem e usam equipamentos para tortura se valem de vários métodos para reduzir a indignação pública.

Às vezes, as fotos não são muito reveladoras. A polícia sabe como ferir os manifestantes sem dar a impressão de estar causando grande estrago, por exemplo, empregando técnicas de imobilização dolorosa, esfregando spray de pimenta nos olhos deles e usando cassetetes elétricos. Para denunciar esses tipos de métodos, você precisa pensar sobre o que o público considera confiável. Talvez conseguir depoimentos de vários manifestantes sobre suas experiências seja eficaz. Um médico perito poderia dar um depoimento falando sobre o impacto dos métodos utilizados.

Ocasionalmente, algum policial poderá concordar em dar um depoimento. No entanto, isso provavelmente significaria o fim de sua carreira. Outra opção é o vazamento de informações internas da polícia, por exemplo, anotações sobre planos táticos ou gravações de interrogatórios. Se os manifestantes puderem cultivar o contato com algum policial, essa

é uma maneira poderosa de expor o abuso. Se a polícia desconfiar que alguém da corporação está divulgando informações, isso pode fazer com que tomem mais cuidado. Também pode levar a uma caça às bruxas para encontrar os que estão vazando as informações.

Discutir caça às bruxas para encontrar vazamentos de informação da polícia parece ser um tópico diferente do original, que é o encobrimento da violência policial e como combatê-lo. O ponto fundamental aqui não é a tática de combate específica que se deve escolher, mas o processo de pensar sobre isso. Você começa pensando no que a polícia pode fazer (agredir os manifestantes) e presume que eles tentarão esconder sua violência de um público mais amplo. Depois, pensa em como denunciar essa violência, e no que a polícia pode fazer para impedir que você a denuncie. Você precisa ser criativo. Não existem respostas prontas que funcionem em todos os casos, porque a polícia aprende com as ações dos manifestantes, e eles aprendem com as ações da polícia.

Depreciação

A polícia pode se safar das acusações de violência mais facilmente se as pessoas acharem que os manifestantes têm status mais baixo. Para a maioria das pessoas, ferir um manifestante que seja criminoso, terrorista ou de aparência desonesta, que se comporta de forma estranha, não é tão ruim quanto ferir um membro estimado da comunidade.

Portanto, é previsível que a polícia e outros que a apoiam ou se opõem aos manifestantes usem a técnica da depreciação. Eles vão aplicar rótulos, como chamar os manifestantes de "ralé", "bando de vagabundos", "baderneiros de aluguel" ou "terroristas". Fotógrafos que não apoiam a causa defendida pelos manifestantes os mostrarão da pior forma possível, por exemplo: tirando fotos de manifestantes menos convencionais em poses pouco lisonjeiras. Eles alegarão que os manifestantes foram violentos. Eles vão desenterrar informações, por exemplo, sobre crimes anteriores, mau comportamento, uso indevido de fundos, conflitos internos ou declarações racistas, usando isso para desacreditar os manifestantes. Algumas das informações podem ser enganosas ou inventadas. O objetivo é desacreditar os manifestantes.

Para estar preparado para as táticas de depreciação, vale a pena levar em consideração vários fatores:

- Aparência
- Participantes
- Comportamento
- Reputação
- Compromissos

Muitos observadores julgam os manifestantes por sua aparência, embora, pela lógica, isso não devesse influenciar a credibilidade das causas defendidas por eles. A aparência faz diferença. Roupas desleixadas ou incomuns podem reduzir a credibilidade. Portanto, pense com cuidado sobre a imagem que você deseja passar. É uma imagem de cidadão responsável?

Talvez seja melhor optar por uma aparência descontraída, para incentivar uma maior participação. Uma alternativa é a vestimenta formal, para sugerir um status mais elevado. Ou todos poderiam se vestir com roupas da mesma cor. Grupos profissionais, como enfermeiras ou equipes esportivas, podem usar seus uniformes de trabalho.

A depreciação é mais difícil quando os participantes têm status elevado. Portanto, vale a pena pensar em quem pode participar. Pessoas mais velhas podem transmitir a autoridade de quem é mais idoso e mais experiente. Pessoas ilustres, como políticos, artistas, personalidades da mídia, podem conferir glamour. Talvez alguns dos manifestantes tenham credibilidade por sua atuação como jornalistas, advogados, médicos ou líderes religiosos. Se essas pessoas com credibilidade junto ao público se transformarem em vítimas da violência policial, suas histórias pessoais ajudarão a validar os manifestantes, especialmente junto ao público que confia nessas personalidades.

O comportamento dos manifestantes pode fazer uma grande diferença. Se os manifestantes estão gritando palavras de ordem ofensivas e brandindo os punhos, isso dá a impressão de que estão raivosos e são agressivos; isso tornará mais fácil retratá-los como violentos. Por outro lado, se os manifestantes estão comportados, cantando melodiosamente ou se divertindo, isso passa uma impressão mais positiva, de gente feliz, uma imagem mais difícil de desmoralizar.



Mesmo quando apenas alguns manifestantes se comportam de uma forma que possa ser desacreditada (por exemplo, xingando, fazendo gestos grosseiros, atirando pedras ou atacando adversários) isso pode ser usado para desacreditar todo o grupo. A mídia geralmente se concentra nas ações mais violentas ou escandalosas, preferindo veicular alguns segundos de confusão e ignorando horas de comportamento pacífico. Para evitar esse tipo de descrédito causado pela forma como as imagens são veiculadas, os manifestantes precisam se preparar para resistir às tentações de se comportar de maneiras que possam ser interpretadas como negativas. A polícia sabe que a violência dos manifestantes é ruim para os próprios manifestantes. Assim, pode tentar provocá-los com insultos ou tratamento grosseiro, na esperança de que alguns manifestantes percam a calma e revidem. Quando isso acontece, é muito mais fácil justificar a violência policial, pois ela é vista como uma resposta à violência dos manifestantes.

Algumas autoridades policiais vão ainda mais longe em seus esforços para provocar manifestantes. Elas podem usar agentes provocadores, ou seja, agentes da polícia ou

figurantes que fingem ser manifestantes e agem de forma a desacreditar o protesto. Os provocadores às vezes assumem um papel de liderança na promoção da violência, jogando tijolos ou organizando a compra de materiais para fazer explosivos. Provocadores mais sutis utilizam sua influência para convencer ou incitar os outros a usar de violência. Os manifestantes aliciados pelo provocador acham que eles mesmos decidiram usar de violência. Enquanto isso, o provocador pode permanecer em segundo plano, talvez até sair de cena.

O uso de agentes provocadores mostra que a polícia às vezes prefere que os manifestantes sejam mais agressivos. Assim, passam uma imagem negativa, e a maioria dos observadores acreditam que o objetivo deles é agredir e causar danos. Os observadores examinam os métodos adotados e presumem que os fins do movimento se assemelham aos meios utilizados para atingi-lo. Os manifestantes podem estar preocupados com problemas ambientais ou direitos humanos, mas, ao utilizarem a violência, sua mensagem pode ficar prejudicada devido à imagem criada. O que está por trás disso é a chamada teoria da inferência correspondente, que é a seguinte: os observadores inferem os fins presumindo uma correspondência com as ações tomadas.⁷ Esse é um bom argumento para se comportar de maneira compatível com as metas pretendidas.

Sua reputação pode protegê-lo, até certo ponto, contra a depreciação. Se o grupo que organiza o protesto é reconhecidamente responsável, conceituado, previsível e ético, então as alegações de que o grupo é desprezível e criminoso provavelmente não serão levadas a sério. Aliás, se a sua reputação for boa o suficiente, as tentativas de depreciação podem ser tão obviamente falsas que acabam desacreditando os próprios detratores.

A próxima questão é como obter uma boa reputação. Isso não é fácil. Mesmo que o protesto inclua estrelas de cinema e ganhadores do Prêmio Nobel, eles podem ser difamados e considerados meros fantoches dos organizadores. Por vezes, a melhor reputação vem do envolvimento de pessoas conhecidas na comunidade. Se os participantes incluírem vizinhos, médicos de família, professores e agentes comunitários, gente que seja conhecida e respeitada, então é provável que sua versão sobre o protesto seja tenha mais credibilidade do que as alegações dos críticos.

Conquistar uma boa reputação é um desafio contínuo. Esse esforço definitivamente vale a pena.

Outra maneira de resistir à depreciação é estabelecendo compromissos. Se os organizadores disserem que os participantes da manifestação devem se comportar de forma pacífica, ou que devem participar de oficinas de não violência antes, isso pode aumentar a credibilidade do protesto. Os compromissos são úteis, mas, para serem confiáveis, precisam ser espelhados no comportamento dos manifestantes.

⁷ Max Abrahms, "Why terrorism does not work," *International Security*, Vol. 31, nº. 2, outono de 2006, pp. 42–78.

Reinterpretação

Você diz que a polícia foi violenta e que os manifestantes ficaram gravemente feridos. A polícia e os políticos dizem que a polícia não agrediu ninguém, que os manifestantes eram violentos e tiveram não mais que ferimentos leves, que suas queixas não tinham fundamento, que apenas alguns policiais descontrolados machucaram os manifestantes, que a polícia estava somente cumprindo seu dever, e que a lei e a ordem devem ser mantidas.

Se a polícia agride manifestantes, é de se esperar esse tipo de mentiras, justificativas e racionalizações. A polícia vai mentir sobre o que aconteceu, minimizar sua importância, culpar os outros (manifestantes, policiais descontrolados, políticos, qualquer um que seja conveniente) e interpretar os acontecimentos a partir do seu próprio ponto de vista. Se você puder prever esses tipos de reinterpretação, poderá planejar com antecedência para combatê-los.

Mentiras. Se a polícia mentir sobre o que aconteceu, você precisa ter boas provas para expor as mentiras. Enquanto processo, a mentira é semelhante ao encobrimento. O encobrimento consiste em esconder a verdade ou, em outras palavras, mentir por omissão. É uma espécie de engodo. Mentir é dizer uma inverdade. Acontece o tempo todo. É preciso preparar-se para a mentira exatamente como se lida com o encobrimento, ou seja, conseguir maneiras de mostrar às pessoas o que realmente aconteceu.



Os policiais quase sempre acreditam que devem permanecer unidos. Se um policial denunciar o mau comportamento de outros policiais, essa denúncia é considerada absolutamente desprezível. A polícia adota um "código de silêncio": a regra é nunca dedurar outros policiais. Isso significa que mentir em nome de outros policiais é algo perfeitamente normal.⁸

Minimização. Os agressores tendem a pensar que não fizeram nada tão grave quanto dizem as vítimas.⁹ Isso pode ser uma inverdade consciente, ou seja, uma mentira, mas também pode

⁸ Michael W. Quinn, *Walking with the Devil: The Police Code of Silence* (Minneapolis, Quinn and Associates, 2005).

⁹ Roy F. Baumeister, *Evil: Inside Human Violence and Cruelty* (New York, Freeman, 1997).

ser uma incapacidade sincera de ver as coisas do ponto de vista do outro ou uma discordância sincera da perspectiva alheia. Quando a polícia usa a força para subjugar ou prender alguém, não pensa muito na dor e no dano que causa, ao passo que aqueles que são subjogados ou presos estão plenamente cientes do que sofreram e podem lembrar-se disso por muito tempo depois do ocorrido. A polícia, ao se explicar, portanto, pode minimizar as consequências de suas ações, ao contrário dos que as sofreram.

O discurso de minimização pode ser combatido através da preparação para coletar indícios dos impactos. Isso inclui filmagens, testemunhas, declarações de vítimas, fotos e depoimentos de equipes médicas. A preparação é semelhante à utilizada para se lidar com o encobrimento.

Culpabilização. Se os ataques da polícia forem denunciados, e a publicidade negativa começar a prejudicar sua imagem, eles podem recorrer à culpabilização. Os envolvidos dirão que outra pessoa foi responsável: os policiais podem culpar seus comandantes ou políticos; delegados podem culpar alguns "descontrolados" ou "ovelhas negras".

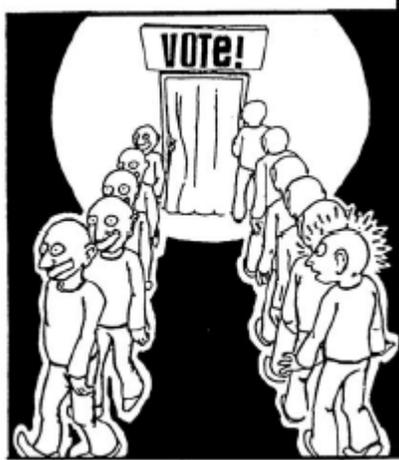
Como se preparar para a culpabilização? Isso depende muito da situação e do que se pretende alcançar. A maneira mais fácil de coletar provas sobre policiais que abusam do uso da força é através de fotos, relações de nomes e denúncia dos autores. No entanto, quando a polícia está obedecendo ordens, parte da responsabilidade recai sobre os comandantes ou políticos. Geralmente é muito mais difícil reunir provas nesse caso. Se você conhecer pessoas dentro da polícia, poderá conseguir informação privilegiada ou até mesmo documentos, como e-mails, que incriminem oficiais de alto escalão.

Quanto mais você souber de antemão sobre quem é responsável pela conduta policial, melhor pode se preparar para táticas de culpabilização após o evento de violência policial. Essa prevenção faz alguma diferença? Uma possibilidade é comunicar-se com a polícia e, talvez, com outras pessoas, sobre a responsabilidade pela conduta policial. Dessa forma, eles estarão cientes de que você sabe como combater táticas de culpabilização.

Enquadramento. A polícia descreverá o que aconteceu usando seu próprio marco conceitual, ou seja, um conjunto de ideias que ela utiliza para compreender o mundo. A polícia geralmente acredita que está prestando um serviço valioso à comunidade. Talvez acredite que protestos indisciplinados, ou qualquer outra manifestação, constituem uma ameaça à ordem social. A polícia acredita que deve fazer cumprir a lei. Pode acreditar que os manifestantes são o inimigo, ou agentes do inimigo, que devem ser punidos por seu comportamento.

Quando a polícia agride os manifestantes, percebe essa agressão de forma diferente de como os manifestantes a percebem. Para a polícia, ela está apenas fazendo seu trabalho, de acordo com os comandos e procedimentos padrão. Quando desafiados, os policiais não pensam que estão cometendo uma violência, mas, sim, que estão cumprindo seu dever.

O enquadramento é um modo de pensar, muitas vezes bastante sincero. Não é uma técnica maliciosa, como a mentira, mas sim algo que todos fazem, de uma forma ou de outra.



Ao se preparar para a possibilidade de violência policial, é de se esperar uma guerra de perspectivas. Em outras palavras, um conflito entre as formas de interpretar o que aconteceu. É importante saber que a polícia e seus apoiadores estão vendo as coisas de uma forma completamente diferente da sua. Se você puder entender a forma como eles percebem a realidade, talvez consiga encontrar maneiras de questioná-la ou contestá-la. Com criatividade, por exemplo, é possível estruturar seu ponto de vista de forma a atrair o público e enfraquecer ou tornar irrelevante a perspectiva da polícia. Conceitos como “liberdade de expressão”, “democracia” e “direitos humanos” podem ser úteis. Um slogan ou imagem podem ser úteis para apresentar o seu ponto de vista.

Os manifestantes frequentemente acreditam que sua perspectiva é óbvia para os outros. Afinal, estão protestando pelo interesse de todos, ao contrário de seus adversários. O mais importante aqui é perceber que a sua forma de ver o mundo, por mais bem-intencionada que seja, não é óbvia para os outros. Você precisa estar preparado para responder quando o outro lado tentar vender seu peixe, em muitos casos, porque ele sinceramente acredita no que defende. É útil lembrar que nada é óbvio para todos. Nem mesmo um assassinato brutal significa muita coisa por si só: precisa ser interpretado.

Canais oficiais

Os manifestantes geralmente apresentam uma postura ambivalente diante dos canais oficiais. Se os canais oficiais, como os procedimentos para fazer reclamações e os tribunais, funcionassem bem, não haveria necessidade de protestar. Por exemplo, para interromper o desenvolvimento de uma tecnologia perigosa ou de algo prejudicial ao meio ambiente, bastaria apresentar uma queixa bem fundamentada aos órgãos governamentais responsáveis pelo licenciamento do setor para que fosse tomada uma decisão correta. No entanto, muitas vezes há corrupção nos órgãos e nos processos que regulam esses procedimentos, seja por influência interna ou por disseminação de alguma ideologia favorável a grupos poderosos.

Como os canais oficiais muitas vezes não funcionam, as pessoas protestam para expor suas opiniões. O protesto é um canal não oficial. O protesto geralmente é um repúdio aos canais oficiais.

Os canais oficiais podem ser utilizados por manifestantes, pela polícia ou por ambos. O principal a ser lembrado é que os canais oficiais geralmente reduzem a indignação pública. Às vezes você pode considerar que os benefícios valem esse sacrifício. Às vezes você não tem escolha a não ser se envolver, por exemplo, depois de ser preso. Se o seu objetivo é aumentar a indignação pública contra a questão pela qual você está protestando, então você deve pensar em termos de mobilização: aumentar o interesse das pessoas e recrutá-las para participar das ações.

Para se preparar em relação aos canais oficiais, o principal é encontrar respostas para várias contingências.

- Se a polícia faz uso da violência, você apresenta queixas formais? Entra com um processo contra a polícia? Esse tipo de escolha vai provavelmente reduzir a indignação. Ter um plano para divulgar informações sobre a violência para um público mais amplo é uma estratégia muito mais poderosa.
- Se a polícia faz uso da violência e isso gera publicidade negativa, então o próprio governo ou a polícia podem instaurar um inquérito. O inquérito traz a questão da violência policial da esfera pública (onde o público discute a questão) para uma esfera formal, baseada em regras e procedimentos. Não é possível interromper um inquérito. Se ele for instaurado, você pode fazer exigências.
- O inquérito deve ser conduzido por um órgão independente, não administrado pela polícia ou pelo governo.
- O inquérito deve ser aberto, com procedimentos acessíveis pela mídia e por membros do público.

Se o inquérito for fechado e conduzido pela polícia, provavelmente será uma fachada. Ninguém sabe o que está acontecendo, para não haver divulgação. Algumas pessoas vão querer esperar para ouvir os resultados. Enquanto isso, a indignação pública diminui.

Um inquérito aberto oferece mais oportunidade de manter a atenção pública na questão, conforme os noticiários cobrem as audiências. Mesmo assim, você não deve presumir que isso seja o suficiente, porque o inquérito pode apoiar a polícia ou resultar em recomendações fracas. Você deve tentar usar o inquérito para gerar apoio à sua causa.

Voltando à sua situação original: você está planejando um protesto e precisa estar preparado para a violência policial. Se a polícia não for violenta na ocasião, não se levanta a questão dos canais oficiais. Se houver violência, então você precisa estar preparado para as possibilidades relativas aos canais oficiais.

Intimidação e recompensas

A possibilidade de a polícia agredir os manifestantes funciona como uma espécie de intimidação e pode dissuadir as pessoas de se juntarem a um protesto, por medo. A possibilidade de prisão e outras formas de assédio individual durante a prisão e durante o tempo de detenção também pode assustá-las. Depois disso, a polícia pode selecionar certos manifestantes como alvos de atenção especial, por exemplo, vigilância, visitas e prisões.



Protesto em Sanaa, Iêmen (3 de fevereiro de 2011)

A melhor forma de se proteger contra esses cenários é preparar-se para documentar e denunciar abusos. Preparar-se para a intimidação é como preparar-se para a violência policial em um protesto. Por exemplo, se, após o protesto, a polícia isolar alguns ativistas para vigiar e assediar, isso precisa ser denunciado. Esses ativistas precisam se comportar bem, porque comentários belicosos ou provocações podem prejudicar a credibilidade do movimento e servir de pretexto para ações policiais.

Outra maneira de se preparar para a intimidação é atrair um número maior de pessoas para o protesto. As pessoas se sentem mais seguras agindo em grupo. A polícia, em geral, tem menos probabilidade de atacar uma grande multidão do que um grupo pequeno. Como atrair mais participantes? Os métodos comuns são conseguir que mais pessoas participem do movimento e planejar uma ação atraente. Se o medo da violência policial for um fator importante, então vale a pena escolher um horário, local e abordagem que reduza o risco; por exemplo, um local visível, com muitos espectadores.

Com muitos participantes em uma manifestação, há mais risco de que alguns usem a violência e forneçam uma justificativa para a violência policial. Portanto, vale a pena pensar em outros tipos de ações, por exemplo, pessoas com trajes verdes, cantando músicas ou cumprimentando estranhos na rua, o que por fora parece inofensivo, mas na prática pode simbolizar a solidariedade.

Recompensas podem reduzir o incentivo das pessoas para agir contra a injustiça. Os policiais sabem que, se permanecerem leais aos seus comandantes (o que inclui aderir ao código de silêncio, ou seja, não falar sobre abusos cometidos por outros policiais), é mais provável que retenham seus empregos e sejam promovidos. Alguns manifestantes tornam-

se informantes da polícia; muitas vezes, são recompensados monetariamente por seus esforços.

Represálias

Seu grupo assumiu um papel de liderança na oposição a um político poderoso. Você está preocupado com as represálias.

Este é um exemplo do problema geral de ser atacado. As represálias podem envolver vigilância, infiltração, disseminação de rumores, perseguição de membros, confisco de equipamentos, mensagens ameaçadoras, assassinato de reputação na mídia, auditorias de finanças, arrombamentos e uma infinidade de outros métodos. Elas visam tornar seu grupo menos efetivo, prejudicando a reputação dele, amedrontando seus membros, fazendo com que desperdicem tempo e esforço na defesa contra as acusações, além de causar discórdia entre os membros e apoiadores. Como se preparar de maneira a evitar o ataque e fazer os agressores desejarem nunca ter começado?

Encobrimento

Alguns ataques são feitos abertamente, como quando um político critica seu grupo em uma transmissão televisiva. Isso é mais fácil de administrar e, na verdade, pode ser até benéfico, dando ao seu grupo mais visibilidade.

Outros ataques, no entanto, são feitos de maneiras que protegem os agressores e seus métodos. Para rebater esses ataques, muitas vezes é eficaz documentá-los e denunciar o ocorrido.

- Se você receber mensagens ameaçadoras, faça cópias e divulgue o que está acontecendo. Se as mensagens vierem por e-mail, é fácil salvá-las. Se você receber telefonemas ameaçadores ou abusivos, invista em tecnologia para gravar futuras chamadas desse tipo. Da mesma forma, se você receber ameaças verbais presencialmente, use um gravador. Quando você tem provas indiscutíveis, pode produzir um relato factual: uma declaração escrita, uma gravação ou mesmo um vídeo. Depois, deve distribuí-lo para qualquer pessoa interessada, usando vários meios. A divulgação de ameaças vale a pena, desde que seus apoiadores não fiquem muito amedrontados com essa informação. Você precisa mostrar que não está intimidado, mas, sim, preparado para enfrentar as ameaças.
- Se houver chance de ataque através de um intermediário, você deve tentar descobrir quem está por trás da ação. Por exemplo, imagine que a polícia seja instruída por um político a conduzir uma operação de busca e apreensão nos seus escritórios. Você tem contatos na polícia ou entre os políticos que possam dar uma versão do seu ponto de vista? Quanto mais informantes apoiarem você, mais difícil será para os adversários permanecerem invisíveis ou disfarçarem a responsabilidade por suas ações.
- Rumores podem constituir um poderoso meio de ataque, em parte porque ninguém assume a responsabilidade de iniciá-los. Os rumores podem ser sobre questões

financeiras, sexuais, ideológicas ou outras. Por exemplo, podem espalhar o boato de que você tem contato com uma organização terrorista. O que você pode fazer para denunciar os que espalham rumores? Isso pode ser difícil e delicado. Se você parecer levar o boato a sério, por exemplo, fazendo uma refutação lógica, pode acabar conferindo maior credibilidade a ele. Um tipo diferente de resposta é ridicularizar o boato, por exemplo, usando imagens ou trocadilhos que ressaltem o absurdo das alegações.

- Se você se antecipar a certos tipos de ataques, como agressões ou incêndios criminosos, pense em como denunciá-los. Aja da mesma forma que agiria para denunciar a violência policial, exceto pelo fato de que há mais possibilidades de ataque.

Dramatização de ataque

Se o seu grupo já foi atacado anteriormente, e você prevê que ocorram novos ataques, então o planejamento definitivamente vale a pena. Uma coisa a fazer é se preparar para uma repetição de um ataque anterior, para que, se ocorrer novamente, você possa obter provas e divulgá-las.

Para se preparar para outros tipos de ataque, você pode designar dois ou três membros para fingir que são agressores e imaginar maneiras de atacar seu grupo. Então, todos se dividem em equipes para encontrar respostas a cada um desses ataques imaginários.

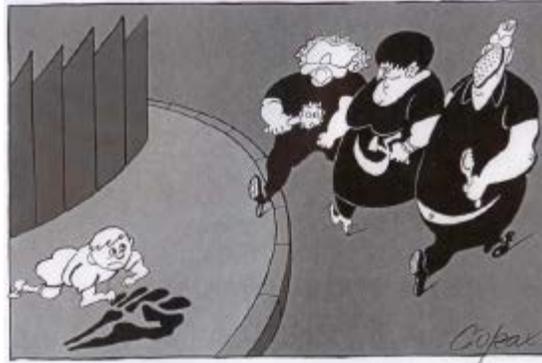
Se os ataques forem frequentes, pode valer a pena fazer uma dramatização, um ensaio das respostas a eles. Seria como nas simulações de incêndio: você faz tudo o que faria em um ataque real, depois analisa o que aconteceu e usa essa experiência para se preparar melhor.

Depreciação

A reputação do seu grupo pode ser atacada de muitas maneiras. Um político pode fazer comentários depreciativos, e a mídia pode publicar histórias perniciosas. Podem ser feitas alegações sobre conexões com terroristas, transações corruptas, práticas perigosas, delitos sexuais e qualquer outra coisa.

Você pode se preparar para vários tipos de resposta.

1. Ignorar as alegações, porque são absurdas. Ninguém vai acreditar nelas.
2. Responder de maneira racional e factual, com documentos e depoimentos.
3. Contra-atacar, por exemplo, apontando as motivações maliciosas dos oponentes.
4. Achar graça nos ataques.



Caricatura de Corax, usado pela Otpor

1. Ignorar as alegações

Você pode supor que alegações como essas são tão absurdas que ninguém vai acreditar nelas. Não é necessária muita preparação para essa resposta. Mas como saber se se deve mesmo fazer isso? Pode valer a pena fazer um breve levantamento entre seus apoiadores e pessoas neutras para verificar qual é a reputação do seu grupo, os pontos fortes e fracos dele. Se você descobrir que já existem algumas preocupações, por exemplo, sobre determinadas posições ou ações de seu grupo, isso pode indicar áreas de vulnerabilidade. Podem ser áreas em que seja mais importante dar uma resposta.

2. Responder de maneira racional e factual

Talvez você tenha em mãos fatos para rebater o ataque, veiculando-os na mídia, em sites, listas de e-mail e qualquer outro meio que você tenha à disposição. Para preparar uma resposta, o seu grupo precisa ter pessoas que conheçam bem os problemas e o grupo. Você precisa ter bons redatores e porta-vozes, para poder comunicar a resposta. É útil ter apoiadores estrategicamente posicionados, que possam falar em seu nome.

Por exemplo, se você conhecer jornalistas simpáticos à sua causa, verifique se sabem o suficiente sobre o seu grupo para poder rejeitar declarações falsas e fornecer fatos. Se houver pessoas importantes que o apoiem (membros respeitados da comunidade) confira se estão bem informados sobre o que você diz e faz. Descubra quem pode estar disposto a defender seus pontos de vista. Também podem existir algumas pessoas que não necessariamente apoiam você, mas acreditam em justiça e estariam dispostas a rebater críticas baseadas em mentiras e deturpações. As declarações dessas pessoas serão especialmente poderosas, pois elas não estarão agindo por interesse próprio.

Se você estiver bem preparado, então um ataque pode realmente beneficiar seu grupo, mobilizando todo tipo de pessoas em sua defesa. Apenas lembre-se de que elas precisam saber o suficiente sobre o seu grupo para poder rebater alegações falsas.

3. Contra-atacar

A ideia, nesse caso, é denunciar os agressores, mostrando suas segundas intenções, mentiras, conflitos de interesse, comportamento corrupto e outros defeitos. Para preparar esse contra-ataque, você pode organizar um "arquivo de sujeiras" (uma coleção de informações prejudiciais aos seus oponentes) e ter maneiras de divulgar as alegações. Por exemplo, talvez você conheça pessoas que tenham alguma queixa a apresentar contra seus oponentes e estejam dispostas a falar.

Essa abordagem pode ser poderosa, mas você precisa pensar cuidadosamente se é a melhor maneira de proceder. Uma desvantagem é que você pode ser visto como o agressor em vez do alvo do ataque. Ao invés de vê-lo como uma vítima de políticos inescrupulosos, o público pode simplesmente pensar que ambos os lados estão se agredindo. As pessoas presumem, então, que há um clima de "vale tudo", ou seja, um contexto em que até táticas repugnantes são aceitáveis.

Se seus oponentes tiverem mais recursos e estiverem dispostos a usá-los, talvez seja melhor evitar o contra-ataque. Por outro lado, se a maior parte do público já acha que seus adversários são corruptos, você não precisará se preocupar tanto, nem liderar o contra-ataque, porque outros talvez façam isso por você.

4. Achar graça nos ataques

Você pode usar o humor para neutralizar os ataques. Isso pode ser feito por meio de piadas, notícias falsas, fantasias ou protestos chamativos.

Em 2000, o movimento ativista Otpor sofreu repressão do regime sérvio liderado por Slobodan Milosevic. O regime afirmava que os membros da Otpor eram terroristas, fascistas e viciados em drogas. Um cartunista desenhou uma imagem satírica retratando a Otpor como um garotinho desenhando um punho cerrado, o símbolo do Otpor, na calçada, enquanto era ameaçado por caricaturas corpulentas de Milosevic e outros líderes sérvios. A Otpor usou essa caricatura em panfletos que justapunham essa imagem inocente aos rótulos do regime.¹⁰

Ao usar o humor, você passa a mensagem de que essas afirmações sobre o seu grupo não devem ser levadas a sério, pois não passam de bobagens. Isso torna mais difícil para os detratores prosseguirem com as alegações, porque assim podem fazer as pessoas se lembrarem da tolice.

O maior desafio é criar ideias engraçadas que agradem aos apoiadores e até aos próprios adversários. Se o humor for muito pesado, pode parecer um contra-ataque. O sarcasmo pode ser mal interpretado como algo sério. Para estar preparado para achar graça nos ataques é preciso treinar, pensando em maneiras leves de reagir. Algumas ideias de ações que possam ser tomadas, haja um ataque ou não, talvez venham à tona durante essa prática.

¹⁰ Majken Jul Sorensen, "Humour as a serious strategy of nonviolent resistance to oppression," *Peace & Change*, Vol. 33, nº. 2 de abril de 2008, pp. 167–190.

Reinterpretação

Os detratores podem mentir sobre o que estão fazendo ou sobre os motivos deles para fazer isso, dizer que o que está acontecendo não é tão significativo, culpar os outros por qualquer problema e apresentar sua própria perspectiva sobre o que tudo significa. Para se preparar, você precisa ter a seu lado pessoas que estejam familiarizadas com os fatos, que saibam perfeitamente qual é a visão de mundo do seu grupo e tenham a capacidade de se comunicar com públicos relevantes. Você precisa ser capaz de comprovar tudo o que seus aliados disserem.

Por exemplo, se houver uma operação de busca e apreensão em seus escritórios e seus computadores forem confiscados, a polícia pode dizer que é uma verificação de rotina e que nada foi levado (também pode dizer que a batida tinha por objetivo procurar drogas, uma alegação que se encaixa melhor na tática de depreciação.) Se você tiver registros em vídeo de que a polícia levou computadores, pode denunciar essa mentira. Se tiver informantes que afirmem que um político ordenou o ataque, pode denunciar outra mentira. Você pode dizer que a batida foi um ataque absurdo à democracia e à liberdade de expressão.

O confisco de seus computadores é coisa séria, de modo que você deve estar preparado. Isso envolve planejamento independente da análise do tiro pela culatra.¹¹

Canais oficiais

Quando o seu grupo é atacado, é provável que várias leis e regulamentos sejam violados. Você pode ficar tentado a fazer uma queixa à corregedoria da polícia, entrar com processo por difamação, fazer uma reclamação à comissão de privacidade, exigir uma decisão do parlamento ou usar qualquer outro processo formal. Às vezes essas opções valem a pena, mas provavelmente reduzirão a indignação pública.

Quando você faz uma reclamação, está confiando no sistema para consertar o problema, ou seja, para fazer justiça. O problema é que os processos geralmente são muito lentos, envolvem detalhes técnicos, além de muito esforço e, às vezes, muito dinheiro, exigindo a contratação de especialistas, como advogados, por exemplo. Isso desvia sua atenção da campanha.

Se os membros do seu grupo quiserem considerar essas opções, pergunte sobre a taxa de sucesso de reclamações anteriores (muitas vezes essa informação não está disponível). Peça-lhes para entrar em contato com outros grupos que fizeram reclamações semelhantes e para descobrir quanto tempo, esforço e dinheiro investiram. Pergunte sobre quantas pessoas estiveram envolvidas no processo de reclamação.

Os canais oficiais às vezes são eficazes por si mesmos, mas há um custo de oportunidade. Há coisas que você deixou de fazer porque passou muito tempo dando entrada

¹¹ Para uma abordagem possível, veja "Safeguarding your group: a checklist", do grupo Schweik Action Wollongong. <http://www.bmartin.cc/others/SAWchecklist.pdf>.

em processos nos canais oficiais. Você precisa pensar no que poderia fazer se o mesmo tempo e esforço fossem investidos na campanha. Em vez de entrar com um pedido junto a um órgão governamental, use esse tempo para escrever histórias que mobilizem apoio ou para organizar uma ação.

Para se preparar para uma batida no seu escritório, procure usar a possibilidade de ataque para angariar mais apoio. Convide os membros a passar mais tempo no escritório. Instale câmeras. Faça cópias de segurança das informações. Ensine a mais pessoas como tudo funciona. Apresente as pessoas umas às outras. Sim, preparar-se para uma possível operação de busca e apreensão pode ser uma oportunidade de fortalecimento.

Intimidação

Se o seu grupo for atacado, alguns membros podem ficar com medo, ou por terem sido atacados, ou por terem receio de que serão os próximos.

Para se preparar, os membros precisam ser tranquilizados. Uma das melhores maneiras de fazer isso é pensar em cenários possíveis, elaborar respostas e planejar adequadamente. Quando as pessoas sabem o que fazer, sentem menos medo.

Algumas pessoas se fortalecem em momentos de crise. São confiantes, corajosas e inspiradoras. Alguns desses líderes nos momentos de crise são veteranos; outros são jovens e novos na campanha. O desafio para o seu grupo é identificar os líderes de crise, prepará-los para a ação e, ainda assim, não os desapontar se nada acontecer (você não precisa de uma crise interna apenas para dar a eles um gostinho da ação).

Os membros geralmente têm boas razões para ter medo de um ataque, pois suas famílias e empregos podem estar em risco. Então, pense em maneiras de protegê-los.

Se a intimidação fizer parte de um ataque, certifique-se de documentar tudo o que acontece. Ameaças, agressões e represálias serão vistos por muitos observadores como injustiças. Ao documentar e denunciar essas ações, você pode aumentar a indignação. Se você se preparar bem, implementar bem seus planos e tiver um pouco de sorte, os agressores podem desejar nunca ter agido.

Conclusão

Os três exemplos acima (denunciar a corrupção, o risco de violência policial e a possibilidade de represálias contra o seu grupo) ilustram como planejar a preparação contra ameaças. Você pode aplicar o mesmo tipo de abordagem a toda sorte de questões, como a censura online, o assédio sexual, a prisão e a tortura. O principal é pensar sobre o que os outros farão para reduzir a indignação sobre suas ações, e depois imaginar o que você pode fazer para garantir que seus métodos não funcionarão.

Estas informações sobre os métodos de encobrimento, depreciação, reinterpretção, canais oficiais e intimidação são gerais. Ao se envolver com questões e campanhas, você

obterá muitas informações específicas que são essenciais para ser eficaz. Portanto, não dependa de uma lista de regras. Pense por si mesmo e seja criativo.

Ser eficaz requer aprender com a experiência. Você pode aprender com o que aconteceu com você e seu grupo anteriormente. Também vale a pena conversar com os outros e descobrir o que funcionou e o que não funcionou para eles. Quais as preparações que fizeram diferença? Quais as que foram uma perda de tempo? E lembre-se de comunicar aos outros as lições derivadas da sua própria experiência

4. Agora e depois

Revelar: expor a ação

Neste exato momento, está acontecendo uma injustiça.

- Um ativista acaba de ser preso.
- Manifestantes estão sendo espancados pela polícia.
- Cidadãos estão sendo submetidos a vigilância ilegal.
- O governo está fazendo falsas alegações sobre ativistas, afirmando que são terroristas.
- Pessoas estão sendo torturadas.
- Civis estão sendo mortos em ataques aéreos.

O que pode ser feito? Depende, e muito, do contexto. Os ativistas precisam conhecer as circunstâncias políticas, o histórico do problema, a situação dos potenciais aliados e prováveis adversários e sua própria capacidade de mobilizar ação, e muito mais. Não há resposta certa para a pergunta acima.

O modelo do tiro pela culatra pode nos oferecer algumas ideias, pois ele é exatamente isso, um conjunto de ideias sobre o que se pode fazer. Elas precisam ser usadas em conjunto com sua compreensão do que está acontecendo.

Se você tiver se preparado cuidadosamente para o que está acontecendo, basta seguir adiante com os planos de coletar provas, mobilizar apoio, e assim por diante. No entanto, alguns eventos são realmente inesperados, e não há como se preparar para eles.

Talvez haja publicidade sobre uma agressão por parte da polícia ou a exposição, na mídia, de casos de corrupção no governo. Se considerar essas causas importantes, talvez você queira tomar alguma providência. Saiba, porém, que os perpetradores usarão métodos para reduzir a indignação. No entanto, é possível adotar medidas para neutralizar tais métodos.

Os cinco métodos padrão para aumentar a indignação contra uma injustiça são: denunciar a ação, validar o alvo, interpretar os acontecimentos como uma injustiça, mobilizar apoio e evitar os canais oficiais, além de resistir à intimidação. Eles podem ser abreviados como revelar, resgatar, reenquadrar, redirecionar e resistir.

Denunciar uma injustiça é uma técnica muito poderosa. Se você puder revelar informações, em especial informações que encontrem eco junto ao público, essa técnica vai gerar preocupação popular, que é a base para concretização das mudanças. Às vezes basta denunciar uma injustiça para impedir que ela se concretize.

Portanto, pode-se sofrer a tentação de divulgar o máximo de informações possível, o mais rápido possível. No entanto, é sempre importante parar e refletir sobre qual seria a maneira mais eficaz de proceder. Há vários fatores a levar em consideração.

Consentimento

Suponhamos que uma ativista chamada Helena tenha sido presa sem justificativa nenhuma, por intimidação, pura e simples. Você está preparado para uma campanha de divulgação. Antes, porém, precisa ter certeza de que Helena concorda com a campanha. Se ela já havia concordado de antemão, esse é o consentimento de que você precisa, pode ir em frente (este é um aspecto do processo de preparar-se com antecedência). Se puder falar com ela, e ela concordar, siga em frente. Mas, e se ela não concordar? Respeite a posição dela, a não ser que as circunstâncias sejam excepcionais. Por exemplo, você pode ter provas de que ela está sendo forçada a não concordar, ou saber que, sem a realização de uma campanha, ela corre grande perigo.

Outra situação é quando você não pode entrar em contato com Helena e não sabe o que ela quer. Nesse caso, é preciso usar de bom senso, de preferência após consultar a família da Helena e seus amigos próximos.



Em 1930, na Índia, Mohandas Gandhi liderou uma campanha contra o governo britânico, desafiando as leis que proibiam a extração de sal na Índia colonial. Durante um confronto, a polícia espancou violentamente manifestantes que pregavam a não violência. Apesar das tentativas britânicas de reduzir a indignação, os relatos do ocorrido enfraqueceram consideravelmente o apoio ao regime britânico.

Helena talvez tenha seus motivos para não desejar que seu caso seja divulgado. Talvez tenha medo de que a polícia divulgue informações depreciativas a seu respeito, não queira que sua família saiba, ou se preocupe com o impacto da publicidade negativa em sua carreira. É preciso respeitar a opinião dela, mesmo que você acredite que a divulgação do caso seja melhor para ela. Talvez ela simplesmente não deseje, neste momento, ser o centro de uma campanha. Nem todo mundo gosta disso!

Se puder conversar com ela, pode apresentar argumentos sobre o valor da publicidade em torno do caso. Se ela conhecer as estratégias para administrar a indignação, terá uma base melhor sobre a qual fundamentar suas decisões.

Qualidade da informação

Você tem alguns relatos preliminares de espancamentos, e elabora apressadamente um release para a mídia ou publica no Facebook um comentário sobre o assunto, por meio do

qual informa milhares de simpatizantes da causa. Mas e se os relatos não estiverem corretos? Você vai perder a credibilidade, principalmente como fonte de informação de qualidade. Sendo assim, talvez seja melhor esperar a confirmação dos relatos.

Se estiver fundamentando seus atos com informações, precisa conferi-las, para verificar se são corretas. Imagine o problema que seria convocar milhares de manifestantes para ir às ruas com base em um relato falso!

Às vezes a informação está correta, mas não é contundente. Você pode ter relatos de tortura feitos por correspondentes confiáveis que estão envolvidos numa luta por libertação. Confia nos relatos porque conhece os correspondentes. Mas se não houver testemunhas independentes, o relato não pode ser convincente. O uso de provas fotográficas pode mudar essa situação. Fotos ou vídeos de tortura podem ter um efeito poderosíssimo.

Mas será que você deve esperar até ter provas mais contundentes? Se confiar nas provas, talvez valha a pena divulgá-las. Se, mais adiante, conseguir provas mais contundentes, isso não será surpresa, mas reforçará o relato. Por outro lado, se as provas iniciais forem obscuras ou confusas, talvez seja melhor esperar até obter provas mais bem fundamentadas.

No final de 2003, surgiram relatos da Cruz Vermelha e de outras fontes sobre torturas impostas por guardas de prisão norte-americanos a prisioneiros no Afeganistão e no Iraque. Tais relatos tiveram certa cobertura por parte dos meios de comunicação em massa, mas seu impacto foi pequeno. Em seguida, no início de 2004, começaram a circular fotos chocantes de Abu Ghraib, originando uma das principais matérias de violação de direitos humanos do ano. Em meio aos comentários, encontravam-se informações sobre os relatos iniciais, revelando que a matéria só recebeu a devida atenção depois que as fotos foram divulgadas.

Ciclos de mídia

Suponhamos que você decida divulgar algumas informações chocantes sobre violações de direitos humanos. No entanto, naquele mesmo dia, ocorre um terremoto de enormes proporções, o que reduz a cobertura de suas informações pelos meios de comunicação de massa. Todas as manchetes acabam girando em torno do terremoto; sua matéria acaba ficando em segundo plano.

É impossível prever desastres naturais, mas é possível prever alguns tipos de prioridades da mídia, tais como eleições. Eventos de grande porte, como desastres naturais, podem dominar as manchetes durante vários dias, semanas ou até meses.

É preciso aprender como os meios de comunicação de massa tratam as suas matérias. Alguns dias da semana e alguns momentos do dia são melhores para releases na mídia. Portanto, informe-se sobre as operações da mídia local, nacional e até internacional para poder



promover suas informações no melhor momento possível. Às vezes é melhor esperar o momento certo.

As redes sociais operam de maneiras diferentes, nem sempre da mesma forma que os meios de comunicação de massa. Informe-se sobre seus ciclos e prioridades para ter uma boa resposta.

Divulgação gradual?

Às vezes, você tem uma grande quantidade de material de boa qualidade para divulgar. Talvez seja melhor divulgar tudo de uma vez, a fim de obter o máximo impacto. Outra opção é divulgá-lo aos poucos, para manter a história viva por mais tempo. O impacto da divulgação gradual pode ser demonstrado, por exemplo, pela forma como alguns jornais publicaram matérias, ao longo de dias ou semanas, baseadas nos vazamentos de documentos pelo WikiLeaks.

O objetivo básico aqui é refletir sobre como ser eficaz na divulgação de informações. Às vezes, temos pouco controle sobre isso, mas quando for possível controlar esse processo, reflita sobre as opções disponíveis. A exposição imediata é altamente tentadora, mas talvez valha a pena esperar um momento mais oportuno, para ter melhores informações, ou até que as pessoas apoiem seus planos.

Resgatar: validar o alvo

À medida que a injustiça prossegue, esteja preparado para tentativas de desacreditá-lo, de depreciar seu grupo ou aqueles a quem você estiver apoiando. É preciso estar preparado para proteger sua reputação.

Seu comportamento é fundamental. Se você estiver sendo acusado de sair destruindo tudo como um louco, a melhor resposta talvez seja agir com calma e vestir-se respeitavelmente. Uma atitude sensata e atenciosa vai contra essas alegações e faz com que aqueles que o estão atacando pareçam ser os loucos.

A linguagem é fundamental. Quando somos submetidos a abuso verbal, é grande a tentação de responder na mesma moeda, usando uma retórica que busca exaltar os ânimos. Em alguns casos, isso não importa, mas vale a pena refletir sobre o uso que fazemos da linguagem, que mantém e até define nossa imagem. Você pode optar por se expressar de maneira lógica e cuidadosa, com emoção ou paixão ou com empatia e compaixão. Contanto que não contra-ataque, a vantagem será sua. Os estilos de fala dependem muito de padrões culturais e expectativas; não existe uma regra geral para todas as situações. A coisa mais importante é lembrar que seu estilo verbal pode desempenhar um papel importante no combate às tentativas de desacreditá-lo.

Provas de sua honestidade, desempenho ou comprometimento podem ser úteis. A opinião dos seus aliados é essencial. Se eles tiverem provas de sua sinceridade e boas ações,

e testemunharem abertamente a seu favor, isso será um forte apoio contra as tentativas de desacreditá-lo.

Exemplo

Scott Parkin, um ativista texano adepto da não violência, esteve na Austrália em 2005. Foi detido e ameaçado de deportação, sem justificativa. Autoridades do governo australiano alegavam que Parkin estaria envolvido em protestos violentos.

Iain Murray, ativista australiano adepto da não violência que pretendia se encontrar com Scott para uma sessão de treinamento naquela manhã, organizou protestos em apoio a Scott. Fez questão de referir-se a ele como “amigo” e enfatizar o compromisso de Scott com a não violência. Em uma manifestação de apoio a Scott, os manifestantes usaram máscaras, uma tática humorística que pretendia passar um recado sobre Scott e seu compromisso pessoal com a não violência. A atenção de Iain à linguagem e ao comportamento usados ajudou a combater as tentativas de descrédito por parte do governo australiano. Graças à habilidade de Iain no uso dos métodos referidos, bem como à ação de outros ativistas, a apreensão e a deportação de Scott geraram muito mais atenção e apoio à não violência do que teria sido possível caso outros métodos fossem usados. As ações do governo australiano saíram pela culatra.¹

Reenquadrar: interpretar os acontecimentos como uma injustiça

É preciso explicar o que aconteceu, do seu ponto de vista. Isso é fundamental, pois os adversários vão mentir, minimizar, culpar e enquadrar as coisas segundo a visão deles.

Você pode acreditar que a injustiça é óbvia. Imagens foram divulgadas na televisão. Todos viram o que aconteceu. Os fatos certamente falam por si. Ledo engano! Os fatos nunca falam por si. Eles precisam ser interpretados. O que é óbvio para você pode ser visto de forma muito diferente por outros.

Seus oponentes podem mentir. Você precisa combater isso, oferecendo informações precisas e expondo as mentiras.

Seus oponentes dirão que o problema não é assim tão importante. Minimizarão as consequências. Você precisa continuar dizendo que é importante, e que as consequências são graves.

Se forem colocados na defensiva, seus adversários podem culpar alguém, geralmente uma pessoa de nível mais baixo. Ou culparão um único líder, que se torna o bode expiatório de toda uma política e culpabilização generalizada. É preciso apontar os responsáveis.

Mais importante ainda, seus adversários vão falar sobre os acontecimentos de uma perspectiva própria, usando uma linguagem que incentive as pessoas a raciocinarem de

¹ Brian Martin e Iain Murray, “The Parkin backfire,” *Social Alternatives*, Vol. 24, No. 3, terceiro trimestre de 2005, pp. 46–49, 70.

acordo com o ponto de vista deles. É preciso se opor a isso usando seu próprio enquadramento. Qualquer que seja a questão, você precisa saber qual é o seu objetivo, e se a atual questão é uma boa oportunidade para promover a sua perspectiva.

Redirecionar: mobilizar apoio e evitar os canais oficiais

Se houver indignação suficiente, o governo ou outros grupos de poder podem iniciar uma investigação. Ou podem convocar peritos para fazer pronunciamentos. Ou podem dizer aos manifestantes que registrem suas queixas na delegacia, que procurem um ombudsman ou abram um processo na justiça. Ou podem dizer para esperar a próxima eleição.

O que há de comum nesses tipos de respostas? O pressuposto de que as autoridades, representadas pelos tribunais, investigações, painéis especializados ou órgãos governamentais resolverão o problema e farão justiça. A maioria dos funcionários desses órgãos são bem-intencionados; vários deles estão altamente comprometidos com a justiça social. Mas os canais oficiais quase sempre são lentos, envolvem todo tipo de regras e regulamentos, e dependem de especialistas, tais como advogados. Eles tiram a questão do domínio público e a colocam em uma arena especial que muitas vezes é perfeita para esgotar a energia dos movimentos de protesto.

Quando um problema é controvertido, o objetivo deve ser promover a ação e mudar comportamentos e políticas. Por isso, é melhor não defender os canais oficiais. Pode ser até bom dizer “queremos uma investigação sobre a violência policial” ou “queremos a intervenção da ONU”, mas a realidade raramente é satisfatória.

Às vezes, porém, o governo, a polícia ou outros órgãos estabelecem canais oficiais. Digamos que seja uma investigação formal. Qual é a maneira mais eficaz de responder?

Opção 1: Participe da investigação, apresentando informações, testemunhando e encorajando outras pessoas a fazerem o mesmo. Isso pode ajudar a produzir melhores resultados. A desvantagem é que a energia é desviada da campanha pública. Se a investigação produzir recomendações fracas, sua participação na investigação lhe conferirá maior credibilidade.

Opção 2: Force a realização de uma investigação mais criteriosa. Investigações internas, realizadas por órgãos como a polícia ou agências do governo, têm maior propensão a servir ao *status quo*. Portanto, exija a realização de uma investigação independente. As investigações fechadas, nas quais as audiências são confidenciais, não abertas ao público, têm maior probabilidade de encobrir a verdade. Por isso, exija investigações públicas, abertas.

Opção 3: Infiltre-se na investigação. Busque fontes que estejam por dentro da investigação, como membros do painel ou pessoal de apoio, capazes de oferecer informações sobre o andamento da investigação e qual a melhor maneira de lidar com ela.

Opção 4: Ignore a investigação. Continue fazendo campanha como de costume, sem perder o foco.

Opção 5: Tente desacreditar a investigação. Aponte suas falhas, como termos de referência restritos demais, pressupostos equivocados, conflitos de interesse e poderes inadequados para convocar testemunhas e coletar informações.

Opção 6: Realize seu próprio inquérito. A “investigação do povo” sobre a violência policial poderia envolver audiências públicas, coleta de provas e declarações públicas.

Opção 7: Use a investigação como uma oportunidade de fazer campanha. Sempre que houver um desenvolvimento significativo, organize um comício ou uma manifestação. Faça com que os adeptos do movimento colem informações ou executem alguma ação. Providencie comentários atualizados, oferecendo uma interpretação alternativa. Nesta opção, o objetivo é mobilizar apoio. A investigação é um meio de fazê-lo.

Qual é a melhor opção? Depende da situação. O mais importante é discutir várias opções e estudar os indícios disponíveis para ver o que pode funcionar melhor. O que aconteceu nas investigações anteriores? O que você sabe sobre os membros do painel? O que pensa o público?

Mais adiante, haverá um outro momento para tomar decisões: aquele no qual os resultados da investigação finalmente forem relatados.

- Se as descobertas não forem o que você esperava, questione-as; talvez seja bom questionar também a justiça da investigação.
- Se as descobertas forem exatamente o que você desejava, o desafio à sua frente talvez seja ainda maior: implementá-las. Muitos pensarão que “o problema está resolvido por causa dessas boas recomendações” e não sentirão necessidade de fazer nada. Esteja preparado para dar continuidade à campanha.

Em casos raros, quando todos esperam que seja feita justiça através de um inquérito, descobertas insuficientes reacendem a indignação.

Após o espancamento de Rodney King, em 1991, foi aberto um processo judicial contra quatro policiais envolvidos no espancamento. A expectativa geral era que todos os quatro fossem condenados. No entanto, o júri os inocentou. A indignação com tamanha injustiça fez com que eclodisse uma revolta no bairro de South Central, em Los Angeles, que durou dias, gerando um saldo de mais de 50 mortos e centenas de milhões de dólares de danos a propriedades. Mais tarde, depois de um novo julgamento dos policiais, dois deles foram considerados culpados, e os distúrbios cessaram.

Resistir à intimidação

Em meio a uma injustiça, algumas pessoas terão medo de protestar por causa dos riscos envolvidos, seja de ser considerado tolo, perder o emprego, ou ser preso, espancado,

torturado ou assassinado. A intimidação é uma tática poderosa contra o protesto, e precisa ser cuidadosamente avaliada.

Vale a pena recordar vários pontos importantes:

- Consentimento. Qualquer pessoa que resista precisa estar totalmente ciente dos riscos.
- Participação. Em geral, é mais seguro protestar quando há outras pessoas envolvidas. (A maior participação, especialmente quando há uma variedade de pessoas participando, também confere maior credibilidade ao protesto, pelo menos, se todos se comportarem de uma maneira que dificilmente possa ser desacreditada.)
- Pessoas que se arriscam. Algumas pessoas estão dispostas a correr maiores riscos. Em muitos casos, os jovens assumem a liderança. É especialmente importante que eles entendam os riscos. Eles precisam de apoio. Por outro lado, atitudes impetuosas às vezes podem ser contraproducentes. Pessoas dispostas a se arriscar são valiosas para um movimento de protesto. Sua contribuição pode ser usada para obter a máxima vantagem, quando realmente for necessária, e não por razões triviais.
- Opções. Vale a pena ter diferentes maneiras de protestar. Algumas serão mais arriscadas do que outras. Se os perigos forem grandes, pode ser bom ter maneiras relativamente seguras de protestar, como acender e apagar luzes, bater painéis ou usar roupas de uma determinada cor ou tipo.
- Visibilidade. Para algumas pessoas, é mais seguro resistir abertamente do que tentar passar despercebido. Se você for um dissidente conhecido que corre risco de ser preso, quanto maior for o número de pessoas ao seu redor, mais seguro você estará, pois elas servirão de testemunhas se alguma coisa lhe acontecer.

A intimidação pode ser uma fonte de indignação. Por isso, tente obter evidências contundentes e de boa qualidade da intimidação e denuncie-a a públicos receptivos. Se conseguir fazê-lo, você pode tornar os ataques contraproducentes.

Depois

Depois que os eventos passarem, você precisa fazer alguma coisa?

Os eventos podem ter passado, mas a luta contra a injustiça não acabou. As lembranças, o significado e o impacto dos acontecimentos ainda podem ser questionados.

O espancamento de Rodney King ocorreu em 1991. Nos anos seguintes, King apareceu ocasionalmente nas notícias, muitas vezes por ter sido preso. Em 2003, David Horowitz, um proeminente comentarista de direita, escreveu um artigo em que se referia a King como “um sujeito autodestrutivo”, “um desocupado ridículo” e “um criminoso irresponsável”. Por quê? Porque o espancamento de King continuou sendo um símbolo da brutalidade policial. Ao denegrir a imagem de King, Horowitz estava defendendo a polícia das críticas. O espancamento de King já havia passado, mas sua importância continuava sendo contestada.

Um espancamento pela polícia pode ser lembrado ou esquecido. Pode ser visto como pouco preocupante, caso a vítima (como King) seja vista como uma pessoa inferior. Pode ser interpretado como um procedimento correto ou como um abuso. Pode ser visto como uma situação tratada de maneira adequada ou inadequada pelos tribunais ou outros órgãos. As pessoas podem se sentir livres para dar sua opinião sobre o assunto ou ter medo de fazê-lo.

Em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, os armênios, um grupo étnico minoritário do Império Otomano, foram expulsos de suas casas por soldados otomanos. Um milhão de armênios, ou mais, morreu de fome, exaustão e em massacres. Esse foi considerado um dos mais importantes genocídios do século, mas não pelo governo turco (o estado sucessor do Império Otomano), que continua a alegar que não ocorreu genocídio algum. Um século depois dos acontecimentos, o governo continua ocultando informações sobre os acontecimentos e intimidando aqueles que os interpretam como genocídio. Em outras palavras, o governo turco continua a usar métodos para reduzir a indignação contra a injustiça.

Nesse sentido, o genocídio armênio não acabou. Seu significado, e até mesmo sua própria ocorrência, continuam sendo contestados.

Assim como no caso do espancamento de Rodney King e do genocídio armênio, o significado dos eventos pode continuar sendo contestado durante anos ou décadas. Isso é especialmente verdadeiro com relação a alguns acontecimentos, como a vida de Jesus, a colonização europeia e o Holocausto, que são incorporados a narrativas mais abrangentes sobre o significado do mundo.

Portanto, é insensatez presumir que, uma vez que os acontecimentos imediatos tenham passado, a luta acabou e podemos seguir adiante, tratando de outros problemas. É fundamental conservar lembranças, validar vítimas, contestar reinterpretações e questionar veredictos injustos. Aniversários de eventos, sejam eles injustiças ou campanhas bem-sucedidas, podem ser boas ocasiões para reacender a chama da preocupação e manter-se vigilante com relação a futuros problemas. Os comícios anuais de 6 de agosto, dia em que se recorda o lançamento da bomba atômica em Hiroshima, em 1945, ajuda a manter viva a preocupação com os perigos das armas nucleares.

A análise do tiro pela culatra é uma forma de manter vivas as lembranças da injustiça. Ao expor as técnicas utilizadas para administrar a indignação, as lembranças da injustiça são protegidas daqueles que preferem ocultar a história, depreciar as vítimas e interpretar os acontecimentos como aceitáveis.

5. Perguntas e respostas

Aqui estão algumas perguntas relacionadas ao modelo do tiro pela culatra e as possíveis respostas.

Os espancamentos foram terríveis. Foi uma enorme injustiça. Mas e a indignação, por que não aconteceu? Ninguém se importou. O modelo não funciona.

O modelo do tiro pela culatra diz respeito a táticas usadas pelos perpetradores de injustiças e formas de combatê-las. Não afirma que as pessoas vão automaticamente se indignar contra o que você acredita ser uma injustiça.

Como é que você sabe que ninguém se importou ou se indignou? Talvez tenha havido queixas ou protestos dos quais você simplesmente não ouviu falar.

Você já examinou as táticas usadas pelos perpetradores para reduzir a indignação? Talvez essa seja a razão pela qual as pessoas não estavam cientes dos espancamentos ou não lhes atribuíram a devida importância.

Antes da invasão do Iraque, em 2003, ocorreram protestos em massa. No entanto, a invasão foi adiante. O movimento pela paz não a deteve.

Na realidade, os protestos fizeram uma enorme diferença. Mostraram que havia grande oposição e ajudaram a desacreditar a invasão.

Depois dos ataques terroristas de 11 de setembro, o apoio mundial ao governo dos EUA aumentou enormemente. A invasão do Iraque dispersou essa boa vontade. Os protestos representaram uma maneira fundamental de mudar a opinião pública.

Originalmente, Bush, Cheney e outros defensores da invasão cogitavam realizar outras invasões para impor sua vontade a outros países, como Síria e Irã. As críticas à invasão do Iraque ajudaram a evitar que isso ocorresse.



Foto de manifestantes em protestos contra as sanções impostas ao Iraque e contra a invasão do Iraque, em 2002 ou 2003, em Washington, DC.

Ao se preparar para a invasão, o governo dos EUA usou todos os cinco métodos para reduzir a indignação pública. Ocultou provas sobre a capacidade militar de Saddam Hussein,

demonizou-o, tratando-o como um novo Hitler e dando a entender que seria responsável pelos ataques terroristas de 11 de setembro, apresentou justificativas falsas ou duvidosas para ir à guerra (as alegadas armas de destruição em massa de Saddam e suas ligações com a Al Qaeda), tentou (sem sucesso) obter o endosso da ONU, ameaçou e subornou governos de países integrantes do Conselho de Segurança da ONU para que apoiassem uma invasão. Sem os protestos, tais métodos teriam tido um êxito muito maior. Por exemplo, se não houvesse protestos, os governantes dos países que fazem parte do Conselho de Segurança da ONU poderiam ter sucumbido à pressão do governo dos EUA e endossado a invasão, dando-lhe legitimidade muito maior e abrindo a porta para futuras invasões.¹

E se planejarmos uma ação que provoque o espancamento ou mesmo a morte de ativistas? Isso vai gerar indignação e divulgar a nossa causa.

É possível, sim, planejar-se para uma ação que provoque um “tiro no pé”, mas isso pode ser arriscado. Qualquer indício ou até mesmo especulação de que você está fazendo isso de propósito pode ser usado para desacreditá-lo. Portanto, raramente se aconselha estimular as pessoas a agredir manifestantes na esperança de que o tiro saia pela culatra.

Em vez disso, é possível planejar o que se conhece como dilema de decisão, no qual você adota uma determinada medida, e qualquer coisa que o oponente faça é ruim para ele. A Flotilha da Liberdade de Gaza, de 2010, é um exemplo. Se o governo israelense permitisse que a flotilha atracasse em Gaza, o bloqueio seria rompido, sinalizando uma fraqueza do governo israelense. Por outro lado, se o governo israelense detivesse a flotilha, tal medida poderia ser considerada injusta. Ocorre que as forças de elite israelenses atacaram, nove passageiros morreram e outros foram espancados e presos, um resultado que saiu muito caro para o governo israelense. No entanto, os planejadores da flotilha não esperavam um ataque israelense, nem seria ético planejar que houvesse mortos e feridos. Os responsáveis pelo planejamento da flotilha estavam preparados para tais consequências, mas o governo israelense tinha outra opção. Um dilema de decisão força o adversário a escolher entre duas opções.

Os dilemas de decisão precisam ser cuidadosamente preparados; do contrário, os ataques não sairão pela culatra. O caso da Flotilha da Liberdade gerou grande publicidade. Suponhamos, porém, que alguns ativistas se dirijam a uma fronteira esperando ser mortos. Se ninguém souber de nada, ou se não se souber o motivo pelo qual estão se deslocando para tal fronteira, as mortes subsequentes não surtirão o efeito de tiro pela culatra. A preparação é uma etapa absolutamente fundamental.

Imaginemos que alguns ativistas contrários às minas terrestres decidam caminhar por um campo minado. Alguns morrerão ou ficarão mutilados. Será que isso terá um efeito negativo para fabricantes e usuários de minas terrestres? Dificilmente. Os ativistas provavelmente

¹ Brian Martin, “Iraq attack backfire,” *Economic and Political Weekly*, Vol. 39, Nº. 16, 17–23 abril de 2004, pp. 1577–1583.

seriam vistos como malucos ou burros, porque os oponentes, que apoiam o uso de minas terrestres, nada podem fazer, do ponto de vista do senso comum.

O modelo do tiro pela culatra dá atenção demasiada às táticas. Precisamos ter uma boa estratégia de longo prazo.

É verdade que o modelo se concentra em medidas adotadas a curto prazo. É verdade que a estratégia é importante. Sendo assim, vamos analisar a conexão.

Podemos definir “estratégia” como um plano para alcançar um objetivo, considerando-se as circunstâncias, os recursos, os aliados e assim por diante. Podemos definir “táticas” como ações adotadas dentro do contexto de uma estratégia. Assim, a questão-chave não é a existência de um foco exagerado nas táticas, e sim se as táticas utilizadas são compatíveis com a estratégia.

O modelo do tiro pela culatra contém alguns pressupostos implícitos sobre a estratégia; entre eles, um pressuposto importantíssimo é que é fundamental mobilizar apoio através da repulsa que as pessoas sentem contra a injustiça. Se a sua estratégia for compatível com esse pressuposto, tudo bem.

Suponhamos, para fins de argumentação, que alguns ativistas do seu lado estejam tão frustrados por não conseguirem avançar que decidem agredir os adversários, tratando-os mal ou denunciando-os. Se for essa a abordagem escolhida por você, não use o modelo de tiro pela culatra, pois ele parte de um princípio totalmente oposto.

Talvez sua estratégia seja fazer qualquer coisa que o faça sentir-se bem. Portanto, se quiser fantasiar-se de gorila, xingar estranhos ou fazer baderna em restaurantes, vá em frente, mas não use o modelo do tiro pela culatra, que pressupõe mobilizar apoio, e não contribuir para o seu bem-estar pessoal. (No entanto, é importante criar maneiras de se sentir bem ao usar esse modelo.)

A estratégia é de suma importância. Entretanto, a maior parte dos ativistas não a considera tão empolgante assim. A ação, sim, é que é empolgante. Portanto, se você acha importante planejar uma estratégia, precisa refletir sobre quais são as abordagens táticas (de ação) mais compatíveis com uma estratégia eficaz. Se a abordagem tipo tiro pela culatra for adequada, ajude os outros a compreendê-la. Se não for, opte por outro caminho.

Às vezes fazemos coisas que reduzem a indignação. Ocultamos fatos e xingamos os outros. Isso significa que somos perpetradores?

É importante distinguir duas coisas: (1) coisas que são consideradas injustas, como espancamentos e massacres; (2) métodos usados para reduzir a indignação contra aquilo que é considerado injusto.

Se você espancar alguém ou atirar em alguém, você definitivamente é um perpetrador. É provável que os outros o vejam como um problema.

Vamos imaginar que você esteja participando de uma manifestação e seja espancado pela polícia. Por motivos pessoais, você decide não contar a ninguém. Talvez não queira que seus familiares ou seu patrão saibam que participou da manifestação. Dessa forma, você contribuiu para encobrir a agressão. Isso não significa que você seja criminoso. Significa apenas que não denunciou a agressão, e é provável que a indignação seja menor do que poderia ser. A escolha é sua.



As forças israelenses dispersaram violentamente uma manifestação em Hebron, disparando gás lacrimogêneo e bombas de efeito sonoro e prendendo um ativista alemão solidário.

Imaginemos que você se participe de uma manifestação durante a qual grite palavras de ordem ofensivas. Isso faz de você um perpetrador? Sim, mas você só pode ser responsabilizado por gritar palavras de ordem ofensivas. Algo que certamente não justificaria uma surra brutal. A questão principal é se é uma boa tática sair por aí ofendendo os outros. Sua atitude pode levar alguns observadores a acreditarem que você mereceu a surra.

Quando alguém contesta suas ações, acusando-o de estar “encobrendo algo” ou “usando canais oficiais”, você pode responder: “Qual é o problema?” Você está usando métodos que reduzem a revolta e indignação, mas talvez tenha bons motivos para fazê-lo.

Quando alguém diz: “Você está lançando mão de intimidação”, é preciso considerar essa alegação com todo cuidado. Se o que estiver fazendo for visto como uma ameaça a terceiros, talvez você esteja errado mesmo. Por outro lado, talvez eles sejam perpetradores poderosos, e você esteja agindo de forma não violenta para contestar as ações deles. Eles podem discordar de seu ponto de vista ou acreditar que a desobediência civil é uma ameaça perigosa para a ordem social, sentindo-se ameaçados.

Métodos que reduzem a indignação não são automaticamente ruins. É preciso analisar o mérito de cada caso. Assim, quando forem usados rótulos (“encobrimento”, “intimidação”), é importante examinar o que realmente está acontecendo.

Faço parte de um grupo que está prestes a iniciar uma campanha que, na minha experiência, é equivocada. Minhas ideias estão alinhadas com o modelo do tiro pela culatra. Como posso utilizar o modelo para incentivar os membros do grupo a apoiarem uma abordagem com maior probabilidade de atingir os objetivos do nosso grupo?

Tente iniciar uma discussão sobre as opções disponíveis para o grupo. Você poderia argumentar, por exemplo, que “segundo o modelo do tiro pela culatra, seria melhor evitar canais oficiais. Talvez devêssemos refletir um pouco mais antes de partir para a ação”. Discussões como essas normalmente são muito valiosas.

Esteja aberto a novas ideias. É preciso saber ouvir e, também, saber expor a sua visão. Talvez o modelo do tiro pela culatra não seja apropriado para este caso, ou talvez outras considerações sejam mais importantes.

No entanto, se depois de ter ouvido, discutido e argumentado, os outros ainda tiverem a intenção de continuar, recorra a uma das alternativas abaixo:

- Peça que lhe apresentem indícios, de outras campanhas, de que o plano traçado por eles vai funcionar.
- Faça uma previsão sobre o que vai acontecer. Coloque-a no papel. Se sua previsão se concretizar, você vai poder afirmar: “Eu avisei” (cuidado, isso pode fazer com que o rejeitem).
- Sugira que façam uma breve experiência com métodos diferentes antes de iniciar a campanha principal.
- Pergunte-lhes de que provas eles precisam para mudar de ideia. Se eles não conseguirem apresentar nenhuma, você saberá que motivações ou crenças profundas são mais importantes do que as provas.

Mesmo depois de tudo isso, talvez você descubra que eles simplesmente não querem lhe dar ouvidos. Talvez o considerem um chato por continuar questionando a campanha que defendem. O que fazer neste caso?

Opção 1. Participar da campanha. Faça o que puder para ajudar o movimento a ser vitorioso. Às vezes, é mais importante trabalhar junto com os outros, em grupo, e errar, do que ser eficaz a curto prazo, mas levar o grupo a se desfazer em função de divergências e brigas internas. A longo prazo, trabalhar em conjunto pode ser a melhor opção. Talvez todos aprendam com os erros cometidos por eles (ou talvez não!)

Opção 2. Sabotar os esforços do grupo, por pensar que estão completamente errados. Trata-se de uma péssima opção. Se você pensar em fazer isso, é porque perdeu a perspectiva e precisa continuar estudando outras soluções.

Opção 3. Sair do grupo e entrar em outro, ou formar seu próprio grupo. Ou simplesmente trabalhar sozinho. Chega de discordância!

6. Exercícios

Os exercícios podem ser aplicados individualmente ou em grupo. Em uma oficina, várias pessoas ou grupos podem trabalhar simultaneamente em um mesmo exercício, comparando as respostas.

1. Analise uma injustiça

Selecione uma injustiça que você ou alguém do seu grupo conheçam bem. Pode ser uma experiência pessoal, como sofrer ataques na escola, algo que vocês tenham estudado, como o Holocausto, ou uma campanha na qual tenha trabalhado, por exemplo, contra o recrutamento de crianças como soldados.

(a) Coloque no papel os métodos usados pelos perpetradores que reduzem a revolta e indignação nas cinco categorias a seguir:

- encobrimento
- depreciação
- reinterpretação
- canais oficiais
- intimidação.

(b) Escreva os métodos realmente usados pelos alvos para aumentar a revolta e indignação, nas cinco categorias a seguir:

- revelar (denunciar a ação)
- resgatar (validar o alvo)
- reenquadrar (interpretar os eventos como injustiça)
- redirecionar (mobilizar apoio e evitar os canais oficiais)
- resistir (resistir à intimidação)

(c) Explique qual é sua fonte de informação/conhecimento sobre cada um desses métodos; por exemplo: observação, conversas, novas informações divulgadas na mídia, palestras ou livros de história.

(d) Discorra sobre o modo como poderia saber mais sobre os métodos usados.

(e) Faça uma lista dos métodos que poderiam ser usados pelos alvos para aumentar a indignação (mesmo que não tenham sido usados na época).

(f) Analise e discuta se a classificação dos métodos ajuda a entender o que aconteceu em relação à injustiça.

2. Estude um artigo sobre o método do tiro pela culatra

Escolha um artigo que use a análise segundo o método do tiro pela culatra.¹

¹ Veja o artigo “Backfire materials”, <http://www.bmartin.cc/pubs/back-fire.html>, que apresenta várias possibilidades.

- (a) Elabore um breve resumo das principais ideias apresentadas no artigo. Pode ser, por exemplo, uma lista de métodos para reduzir e aumentar a indignação.
- (b) Avalie a análise. Como os indícios foram usados? Os métodos são classificados de maneira sensata? A conclusão está bem fundamentada? Que alterações você faria para tornar o artigo mais rigoroso, informativo ou persuasivo?
- (c) Examine o estilo em que o artigo foi redigido. É acadêmico ou popular? As ideias foram expressas com clareza? O artigo usa alguma narrativa (história) ou alguma outra maneira de apresentar as informações? Que mudanças você faria para torná-lo mais adequado a um público específico, por exemplo, crianças em idade escolar ou veteranos de guerra?
- (d) Leia outro artigo sobre o mesmo assunto, que não utilize a análise pelo método do tiro pela culatra; por exemplo, uma matéria publicada na mídia. Existe alguma nova informação que possa ser incorporada ao artigo da análise segundo o modelo do tiro pela culatra? Existe nele alguma informação que questione a análise segundo o modelo do tiro pela culatra? O novo artigo revela algum método que não se encaixe facilmente no modelo do tiro pela culatra?

3. Faça seus comentários

Escolha uma oportunidade para fazer comentários sobre um artigo ou reportagem sobre injustiça; por exemplo, um blog ou artigo on-line. Publique um comentário usando ideias do modelo do tiro pela culatra. Por exemplo, comente como uma ação saiu pela culatra, como a depreciação está sendo usada ou qual foi o enquadramento adotado. (Você nem precisa mencionar o modelo do tiro pela culatra, só apontar táticas ou consequências.) Examine os comentários subsequentes, para ver se alguém respondeu aos seus comentários. Procure fazer comentários que estimulem respostas ponderadas e uma discussão bem fundamentada.

4. Escreva uma análise do modelo do tiro pela culatra

Você encontrará a seguir algumas sugestões. Modifique-as de acordo com as suas necessidades.

- (a) Escolha um tópico sobre o qual já tenha algum conhecimento, ou leia um ou dois artigos básicos sobre o assunto.
- (b) Escolha um formato; por exemplo: um artigo, uma apresentação de slides ou um cartaz.
- (c) Elabore um rascunho inicial totalmente baseado no seu conhecimento, sem consultar nenhuma outra fonte.
- (d) Leia ou verifique várias outras fontes, modificando seu rascunho à medida que for sendo necessário, revisando-o e editando-o ao longo do caminho.
- (e) Quando essa sua versão inicial estiver razoavelmente coerente e aperfeiçoada, apresente-a a uma ou duas pessoas que não sejam especialistas, pedindo que deem sua opinião e teçam comentários. Volte a revisar o que escreveu.
- (f) Apresente o que escreveu a pessoas que conheçam bem o assunto. Revise o texto de acordo com os comentários que fizerem.

- (g) Se tanto os não especialistas quanto os especialistas acharem o seu texto satisfatório, você pode usar ou apresentar sua análise. Caso contrário, volte atrás e repita as etapas anteriores.

Dica: comece escrevendo um artigo curto, pois assim conseguirá terminar em um prazo razoável. À medida que for ganhando mais experiência, poderá desenvolver um projeto maior.

5. Planeje um ataque

- (a) Imagine um possível ataque, por exemplo, algo que possa lhe causar danos pessoais, prejudicar seu grupo ou alguém ou algum grupo que seja importante para você.
- (b) Faça uma lista das coisas que o autor do ataque poderia fazer para reduzir a indignação com o ataque.
- (c) Coloque no papel como você, seu grupo ou alguma outra pessoa poderia aumentar a indignação.
- (d) Faça uma lista das maneiras mais importantes de se preparar para o ataque.
- (e) Decida quando, onde e como esses preparativos vão ser feitos.
- (f) Se você puder providenciar tudo pessoalmente, mãos à obra! Se precisar da ajuda de outros, elabore um plano para estimulá-los a participar.

6. Execute um jogo de táticas

Para este exercício, seria útil contar com duas ou mais pessoas.

- (a) Divida as pessoas em dois grupos: um grupo ficará responsável pelo ataque e outro grupo pela defesa. Escolha um tipo geral de ataque.
- (b) O grupo de ataque, naturalmente, vai elaborar ataques criativos, inclusive maneiras de reduzir a indignação. O grupo de defesa vai imaginar maneiras de se preparar de modo a ser capaz de contra-atacar e aumentar a indignação pública.
- (c) Depois, os dois grupos comparam suas ideias.

Dependendo do cenário, a equipe de defesa poderia esperar para ouvir os planos da equipe de ataque, ou ambas as equipes poderiam se preparar simultaneamente.

7. Faça previsões

Fique de olho na mídia e escolha uma notícia atual que envolva uma possível transgressão por parte de um grupo poderoso. Exemplos de 2011 seriam agressões a manifestantes egípcios, o escândalo de *hacking* envolvendo a News Corporation e as acusações contra Julian Assange, fundador do WikiLeaks.

- (a) À medida que a notícia for sendo divulgada, faça previsões sobre os tipos de método usados pelo grupo no poder para reduzir a indignação.
- (b) Busque outras informações, de fontes diversas, ou aguarde novas revelações para ver se suas previsões estavam corretas ou não.

8. Procure pessoas com quem conversar

Às vezes, encontramos pessoas profundamente envolvidas na oposição a injustiças. Pode ser uma pessoa que trabalhe em um centro de combate ao estupro, faça campanha de defesa do meio ambiente ou seja um membro ativo da Anistia Internacional. Se tiver chance de conversar com uma dessas pessoas, faça-lhe perguntas sobre o problema que enfrenta, usando as categorias do método do tiro pela culatra. Abaixo se encontram algumas perguntas possíveis, nas quais “eles” refere-se aos oponentes, como estupradores, empresas poluentes ou governos repressores.

- Eles encobrem informações sobre as atividades que praticam?
- Eles tentam depreciar os alvos?
- Eles mentem sobre o que fizeram? Minimizam a importância de suas ações? Colocam a culpa nos outros? Enxergam as coisas de um ponto de vista totalmente diferente?
- Qual é a eficácia de processos formais, como órgãos do governo e tribunais, na resolução do problema?
- Eles lançam mão de ameaças e ataques para intimidar as pessoas?

9. Invente seu próprio exercício!

7. Apêndice: os escudos humanos e a utilização preventiva do método do tiro pela culatra

Quando utilizam a sua presença física para proteger possíveis alvos, tais como edifícios, os seres humanos são chamados de “escudos humanos”. A ideia é que se cidadãos “inocentes” ou “respeitados” se colocarem perto de um possível alvo, o adversário hesitará em atacar, pois o tiro pode sair pela culatra.

Alvos humanos

Civis que protegem outros civis costumam ser chamados de “guarda-costas desarmados”. Organizações como a Nonviolent Peace-Force e a Peace Brigades International patrocinam e apoiam voluntários que servem como escudos humanos para ativistas que estão sob ameaça do governo, de grupos guerrilheiros, máfias ou grupos paramilitares. Tais organizações têm uma longa história de trabalho efetivo.¹ Nas poucas ocasiões em que ocorrem ataques a guarda-costas desarmados, a história bem documentada e respeitada do seu grupo dificulta sua depreciação ou intimidação.

Uma das principais atividades desses grupos é documentar o que estão fazendo, de modo que os agressores tenham dificuldade de encobrir quaisquer danos causados. Tais organizações têm um sistema bem desenvolvido para distribuir informações sobre suas atividades. Como pessoas muito respeitadas estão diretamente envolvidas ou atuam como embaixadores desse tipo de trabalho, é difícil também reinterpretar o que foi feito mentindo, culpando-as e enquadrando a situação de outra forma.

Prédios e infraestrutura

Em situações de guerra, às vezes utilizam-se seres humanos como escudos para proteger prédios e infraestrutura.

Quando a OTAN começou a bombardear a Sérvia, em 24 de março de 1999, centenas de ativistas locais e internacionais começaram a se posicionar sobre as pontes de Belgrado, Grdelica, Novi Sad e outras cidades, na tentativa de impedir que fossem destruídas por bombas. Alguns dos estrangeiros vieram de países cujos militares participaram do bombardeio. Como havia vários representantes de meios de comunicação internacionais presentes, os comandantes da OTAN evitaram alvejar pontes ocupadas por pessoas. Muitas outras partes da infraestrutura foram destruídas, mas essas pontes foram poupadas.

¹ Liam Mahony and Luis Enrique Eguren, *Unarmed Bodyguards: International Accompaniment for the Protection of Human Rights* (West Hartford, CT, Kumarian Press, 1997).



A Human Shield Action (Ação de Escudos Humanos) do Iraque cruzou a fronteira da Síria rumo ao norte do Iraque em 15 de fevereiro de 2003. Esta é uma foto da multidão que saudou os ônibus de dois andares ao atravessarem a fronteira. Era uma enorme multidão, considerando-se que, até a noite anterior, ninguém sabia, nem mesmo os próprios escudos humanos, que eles entrariam no Iraque pela fronteira com a Síria. Na fotografia, o homem que se inclina para frente é o britânico Godfrey Meynell, na época com 68 anos, fluente em árabe, que explicou à multidão que se formava por que os escudos humanos estavam lá.

Em janeiro de 2003, antes da iminente invasão do Iraque, 30 voluntários que atuavam como escudos humanos saíram de Londres, com destino ao Iraque, com o objetivo de instalar-se em Bagdá antes do bombardeio. Durante a viagem de ônibus deles pela Europa, muitos outros ativistas foram se juntando a eles; o grupo chegou a ter, em dado momento, aproximadamente 500 integrantes que desejavam proteger alvos de bombardeios no Iraque. Eles decidiram permanecer em estações de tratamento de água, duas usinas de energia, um silo para armazenamento de alimentos, uma instalação de comunicações e uma refinaria de petróleo.² O objetivo era evitar ataques divulgando sua presença nessas instalações ou perto delas. Entre esses locais, apenas um foi bombardeado em 2003: a instalação de comunicações, um dia depois de os escudos humanos terem ido embora.

Natureza

Algumas batalhas contra o desmatamento usaram a técnica dos escudos humanos para proteger árvores. No início da década de 1970, na Índia, as mulheres do movimento ecológico Chipko, em Garhwal, no Himalaia, começaram a “abraçar as árvores” quando as madeireiras se aproximavam para derrubá-las. O primeiro exemplo desse tipo de ação remonta a 1731, quando Amrita Devi liderou centenas de pessoas que protegeram árvores ameaçadas em sua comunidade.

Os modernos ativistas ambientais levaram tais medidas ainda mais adiante. Alguns chegam a morar em árvores durante semanas com o objetivo de dificultar sua derrubada. Outros enterram-se, deixando apenas a cabeça de fora, em profundos buracos nas estradas que levam às florestas para tentar impedir os caminhões de transporte de madeira de levarem sua carga para fora da floresta. Se quisessem passar, os grandes caminhões precisariam atropelar os ativistas, matando-os. Algumas dessas campanhas tiveram êxito; outras ainda estão sendo realizadas.

² <http://www.humanshields.org>

Conclusão

Estes três tipos de escudos humanos usam o efeito de tiro pela culatra de maneira preventiva. Colocam-se em situações de grande risco de propósito, na esperança de que a publicidade negativa que matá-los ou feri-los geraria tenha consequências muito sérias para as autoridades no poder. Embora não haja garantia de que esse tipo de técnica funcione, sua cuidadosa preparação pode aumentar a probabilidade de sucesso. Os ativistas planejam suas ações para que os indivíduos que estão no poder enfrentem grandes dificuldades ao tentar evitar a indignação popular.

1. Os participantes de campanhas, por meio de documentação bem preparada e disseminação efetiva, fazem com que o oponente tenha dificuldade de encobrir atrocidades.
2. Eles tentam obter o engajamento de pessoas respeitadas para reduzir a depreciação do grupo que está colocando as ações em prática.
3. Com bom acesso à mídia tradicional, bem como a canais de mídia alternativos, esses grupos limitam as opções dos oponentes a mentir, colocar a culpa nos outros e reenquadrar as ações.
4. Sempre que possível, desenvolvem relacionamentos com órgãos oficiais, como embaixadas, organizações internacionais e governos.

Algumas campanhas de depreciação contra tais ações se concentram na falta de participação voluntária. Por exemplo, os agressores às vezes proclamam que os escudos humanos foram obrigados a participar. Muitas vezes, a depreciação assume a forma de boatos de que os participantes serão punidos caso se recusem a participar e serão recompensados se participarem. Outros são chamados de ingênuos ou acusados de colaborar com o “inimigo”. Quanto mais transparência e mais pessoas respeitáveis participarem dessas campanhas, menor será o efeito de tais acusações. É necessário realizar mais experimentos e pesquisas para melhorar o uso dos escudos humanos.

Em 1991, manifestantes em Díli, no Timor Leste, foram massacrados por tropas indonésias. Essa chacina se transformou em um desastre político para o governo da Indonésia, aumentando enormemente o apoio internacional à independência do Timor Leste. O massacre foi um tiro no pé do governo indonésio. O Manual do Tiro pela Culatra explica por quê.

Digamos que você esteja planejando uma ação e acredite que possa sofrer um ataque. Pode ser uma manifestação, onde se corra o risco de haver brutalidade por parte da polícia. Talvez você esteja expondo a corrupção do governo e tema que seu grupo sofra represálias. Para estar preparado, é preciso entender as táticas que podem ser usadas pelo seu oponente, por exemplo, encobrir a ação e tentar desacreditar você e seu grupo.

O Manual do Tiro pela Culatra fornece orientações sobre esse tipo de planejamento. Descreve o modelo do tiro pela culatra e dá exemplos e exercícios para usá-lo. Trata-se de um manual prático que o ajudará ser mais eficaz sempre que enfrentar adversários poderosos e perigosos.



Brian Martin é professor de Ciências Sociais na Universidade de Wollongong, Austrália. Escreveu inúmeros livros e artigos sobre ação não violenta e é vice-presidente da organização Whistleblowers Austrália.